



REVISTA
Pergaminho

Volume 2 | Número 2
Jul-Dez | 2022



ISSN: 2764-3522



**ACADEMIA ITAPECURUENSE
DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES**



REVISTA
Pergaminho

Volume 2 | Número 2 | Jul-Dez | 2022

Itapecuru Mirim - MA

AICLA

2022



Revista Pergaminho

Editor Chefe

Francisco Inaldo Lima Lisboa

Editores adjuntos

Maria da Assenção Lopes Pessoa

Maurel Mamede Selares

Conselho Editorial

Adney Teles (M.e)

Brenno Bezerra de Araújo Pedrosa (Esp.)

Claudiene Diniz da Silva (Dra.)

Francisco Inaldo Lima Lisboa (M.e)

Gabriela de Santana Oliveira (M.a)

José Eduardo Bandeira de Melo Marques
Ferreira (M.e)

Itaan de Jesus Pastor Santos (Dr.)

Jucey Santos de Santana (Esp.)

Laura Virgínia Tinoco Farias (M.a)

Maria da Assenção Lopes Pessoa (Esp.)

Maurel Mamede Selares (M.e)

Nicodemos Bezerra (Esp.)

Tiago de Oliveira Ferreira (Esp.)

Revisão de texto

Francisco Inaldo Lima Lisboa

Projeto Gráfico e Diagramação

Luís Cláudio de Melo Brito Rocha

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

DIRETORIA ATUAL

Presidente

Francisco Inaldo Lima Lisboa

Vice-presidente

Brenno Bezerra de Araújo Pedrosa

1º Secretário

Ailson Lopes Costa

2º Secretário

Werby Almeida Diniz – Beto Diniz

1º Tesoureiro

Leonete Barros Amorim Barbosa

2º Tesoureiro

Edvan Caldas Soares

Conselho Fiscal

Jucey Santos de Santana

Benedito Bogéa Buzar

Maria da Assenção Lopes Pessoa

Nicodemos Bezerra

Josemar Sousa Lima

Raimundo Nonato Lopes Junior

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

Rua Paulo Bogéa, s/nº - Centro - Itapecuru Mirim / Maranhão

E-mail: casademarianaluz@gmail.com

Revista Pergaminho [recurso eletrônico]. / Academia Itapecuruense de Ciências,
Letras e Artes, v. 2, n. 2, 2022 __. Itapecuru, MA: AICLA, 2022.

v. 2, n. 2, 74 p.

Semestral

ISSN: 2764-3522 (eletrônica)

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v2n2>

1. Pesquisa científica - Periódicos. 2. Ciências. 3. Letras. 4. Artes. I. Academia
Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes. II. Título.

CDU 001.891(812.1)

SUMÁRIO

ARTIGOS

- Memórias afetivas de Zuzu Nahuz:** uma abordagem da espacialidade na obra o Itapecuru de Zuzu Nahuz
Mateus Lopes Nascimento e Tania Lima dos Santos.....9
- O Fitotopônimo Mandioca:** uma análise da motivação e nomeação do povoado, por meio do seu espelho linguístico, geográfico, histórico e cultural
Tiago de Oliveira Ferreira..... 19
- O curso de extensão semipresencial em agroecologia de tingidor:** formação da juventude em comunidades rurais
Itaan Pastor Santos e Edijanne Rocha Mendes33
- Construindo um e-book: processo de elaboração do livro manual para elaboração de TCC do Curso de Letras da UEMA**
Maurício Silva, Mateus Lopes Nascimento e Claudiene Diniz da Silva45
- Conhecimentos linguísticos de concludentes do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão:** um estudo com discentes do Campus de Itapecuru Mirim
Alberto Henrique Costa de Castro e Vanda Cristina da Fonseca Magalhães.....57

POEMAS

- José D'Assunção Barros**
Jaufre.....72
- Basílio Soares Barbosa Maciel**
Acróstico Palmeiras de Itapecuru 74
- Leandro Teixeira de Sousa**
Corrupção I..... 76
- Marcos Guimarães**
Eu Poderia Escrever..... 78

CRÔNICAS

- Leandro Teixeira de Sousa**
Tempo e Imortalidade.....80
- Assenção Pessoa**
Gonçalves Dias e os Gonçalves de todos os dias84

EDITORIAL

Prezadas leitoras e prezados leitores, a responsabilidade em escrever o editorial de uma revista nos remete a pensar sobre o papel fundamental e multifacetada da publicação acadêmica. A Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Arte (AICLA), por meio de seus membros, tem a consciência de quão desafiador é lançar e dar continuidade nas edições futuras da Revista Pergaminho, fruto do crescimento, consolidação e responsabilidade social da AICLA.

Nesta edição, foram realizadas rigorosas avaliações, que visam garantir a qualidade e credibilidade das informações que serão compartilhadas, selecionamos cinco artigos científicos, duas crônicas e quatro poemas. Os conteúdos contemplam diferentes gêneros de escrita, seguindo a tradição acadêmica de unir, Ciência, Letras e Arte. A revista Pergaminho perseverará em seu objetivo de reunir e difundir conhecimentos e diferentes perspectivas, proporcionando um espaço literário único que estimule a reflexão e a compreensão dos temas abordados.

A tarefa de apresentar as nuances de todas as obras selecionadas em poucas laudas é extremamente desafiadora, considerando o número, a complexidade e diversidade de temas. Arriscamos escrever um editorial não prolixo, o que não é nosso objetivo e sim o de despertar a curiosidade e a vontade dos leitores em se comunicar com os autores a partir de suas obras, fazer uso das narrativas aqui apresentadas, como se fosse um mapa do tesouro, onde os temas, a pesar de diferentes, têm como ponto de chegada o conhecimento e a sabedoria.

Os dois primeiros artigos, tratam de registros históricos sob ponto de vistas diferenciados. **“Memórias afetivas de Zuzu Nahuz: uma abordagem da espacialidade na obra” O Itapecuru**” explora as narrativas das memórias afetivas, emoções e experiências cotidianas vivenciadas por Zuzu Nahuz em relação à sua cidade natal. O referido autor resgata lembranças emocionais que transcendem os meros registros do passado. O artigo, **“O Fitotopônimo Mandioca: uma análise da motivação e nomeação do povoado, por meio do seu espelho linguístico, geográfico, histórico e cultural”**. Examina o sentido e os motivos por trás da denominação fitotoponímica “Mandioca”, utilizada na nomenclatura de um assentamento. A mandioca, além de ser uma cultura agrícola relevante na área, é também um elemento essencial na cultura regional. A escolha desse nome para o povoado reflete a importância da mandioca tanto no aspecto econômico sustentável quanto na preservação da identidade cultural dessa comunidade.

Do terceiro ao quinto artigo, observam-se estudos que destacam experiências diferentes vivenciadas ou amplamente discutidas no Ensino Superior. No artigo **“O Curso de Extensão semipresencial em Agroecologia para juventude nas comunidades rurais”**, foi observado o crescimento da dimensão da extensão universitária nos últimos anos. Isso ocorre porque se reconhece que o diálogo entre os discursos científicos e as experiências das comunidades pode gerar soluções sustentáveis. A relevância da extensão universitária na formação dos estudantes é destacada pela

necessidade do intercâmbio entre o conhecimento acadêmico e populares. Silva et al. Em no artigo, **“Construindo um livro eletrônico: processo de elaboração do livro manual para elaboração de TCC do curso de letras da UEMA**. Aborda a relevância da produção de um livro digital como ferramenta tecnológica eficaz para oferecer orientações claras e diretrizes aos alunos em fase de elaboração dos seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). No quinto artigo, Castro et al. discorre sobre o **“Conhecimento linguístico de concludentes do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão: um estudo com discentes do Campus Itapecuru Mirim”**, conduzindo uma investigação minuciosas e cautelosa para identificar habilidades e competências linguísticas adquiridas ao longo da formação acadêmicas desses alunos e compartilham conosco dados relevantes encontrados.

Na seção de crônicas desta revista, destacamos as obras de Teixeira de Sousa **“Tempo e Imortalidade”**, Pessoa **“Gonçalves Dias e os Gonçalves de todos os dias”**. As crônicas, enquanto gênero literário, oferecem aos leitores uma perspectiva ímpar e pessoal sobre acontecimentos, contemplando temas diversos. Os autores acima destacados, nos envolvem com suas narrativas envolventes, expressando suas opiniões, reflexões. As crônicas exploram a linguagem poética e narrativa de forma única, proporcionando ao leitor uma experiência profunda e reflexiva.

Na seção de poemas desta revista destacamos a qualidade narrativa de quatro poemas em particular: Soares Barbosa Maciel, Acrostico **“Palmeiras de Itapecuru”**, Teixeira de Sousa **“Soneto”**, Guimarães **“Eu poderia escrever”** e Barros **“Jaufre”**. O acróstico “Palmeiras de Itapecuru” é uma homenagem ao time de futebol Palmeiras de Itapecuru-Mirim, no Maranhão. Soares Barbosa Maciel criou o acróstico para celebrar a equipe e seus jogadores, destacando sua importância e representatividade no cenário esportivo local. No âmbito da literatura, a escrita de Teixeira de Sousa é permeada por elementos que fazem alusão ao passado, às reminiscências e à preservação dos registros memoriais. Em seu “Soneto” Teixeira de Sousa expressou a importância inestimável da memória nas letras poemáticas aos conectar passado, presente a partir de vivências.

Neste poema, Guimarães utiliza de forma precisa e sensível à linguagem para expressar sua visão única sobre a vida, a arte da escrita e nos convida a refletir sobre a própria essência da literatura e o poder transformador que ela possui. E Barros em “Jaufre” certamente numa referência a um trovador provençal do século XIII, finaliza com seu poema de amor cortês.

Adney Teles

Prof. do Curso de Direito do Centro Universitário Santa Terezina - CEST,
Encarregado de Dados (DPO) - APAE São Luís/CEST, Membro da AICLA e do
Conselho Editorial da Revista Pergaminho



Publicado em: 28.12.2023

MEMÓRIAS AFETIVAS DE ZUZU NAHUZ: UMA ABORDAGEM DA ESPACIALIDADE NA OBRA O ITAPECURU DE ZUZU NAHUZ

Mateus Lopes Nascimento

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: mateuslopesm82@gmail.com

Tania Lima dos Santos

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: taniamaranhao1@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa alguns dos espaços de memória presentes na obra *O Itapecuru de Zuzu Nahuz*, uma coletânea de crônicas organizada por Benedito Bogéa Buzar, escritas pelo maranhense Raimundo Nonato Coelho Nahuz, mais conhecido por Zuzu Nahuz. Como fundamentação teórica, foram utilizados os estudos relacionados à *topoanálise* – análise do espaço na obra literária –, como os desenvolvidos por Gaston Bachelard e sua releitura feita por Borges Filho. Além disso, recorreu-se às contribuições do geógrafo Yi-Fu Tuan sobre *topofilia*, conceito que designa as relações afetivas da pessoa com o ambiente físico. Ademais, são utilizados os estudos de Tuzino sobre crônica e sua relação com o jornalismo, além de questões relacionadas à memória com base em Halbwachs, que trata sobre a caracterização da memória, a fim de compreender a relação existente entre os espaços e a memórias do narrador na obra literária. Os temas mais recorrentes nas crônicas são relacionados às festividades, à escola e a momentos em família ou amigos durante a infância e juventude do narrador em Itapecuru Mirim, município do estado do Maranhão. Foram analisadas e interpretadas algumas crônicas referentes às temáticas principais presentes na cronística do jornalista Zuzu Nahuz.

Palavras-chave: Espaço; Memória; Crônica.

AFFECTIVE MEMORIES OF ZUZU NAHUZ: AN APPROACH TO SPATIALITY IN THE WORK ITAPECURU BY ZUZU NAHUZ

ABSTRACT

This paper analyzes some of the memory spaces present in the work O Itapecuru de Zuzu Nahuz, a collection of chronicles organized by Benedito Bogéa Buzar, written by the maranhense Raimundo Nonato Coelho Nahuz, better known as Zuzu Nahuz. As a theoretical foundation, we used the studies related to topoanalysis - analysis of the space in the literary work -, such as those developed by Gaston Bachelard and his re-reading by Borges Filho. Furthermore, we resorted to the contributions of geogra-

pher Yi-Fu Tuan on topophilia, a concept which designates the affective relationship of a person with the physical environment. Furthermore, Tuzino's studies on chronicles and their relationship with journalism are used, as well as issues related to memory based on Halbwachs, who deals with the characterization of memory, in order to understand the relationship between spaces and the narrator's memories in the literary work. The most recurrent themes in the chronicles are related to festivities, school, and moments with family or friends during the narrator's childhood and youth in Itapecuru Mirim, a city in the state of Maranhão. Some chronicles referring to the main themes present in the chronicles of journalist Zuzu Nahuz were analyzed and interpreted.

Keywords: Space; Memory; Chronic.

1. INTRODUÇÃO

A análise do espaço no texto literário tem sido objeto crescente de estudos nos últimos anos, porém não é um campo novo. Sua razão, de acordo com Dimas (1985, p. 5), vem do fato de que “entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o espaço pode alcançar estatuto tão importante, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc.”. Nesse sentido, o estudo da espacialidade pode apresentar aspectos relevantes para a compreensão das personagens da obra e seu enredo, expressando, no caso da obra de Nahuz, como este autor se relaciona com os espaços que caracteriza.

A *topoanálise* é o nome dado a esse campo de estudos. O termo, criado por Bachelard, aponta que se trata do “estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (2008, p.28). Borges Filho (2007, p. 33) vai além da definição proposta por Bachelard, quando entende a *topoanálise* como um estudo que também busca “inferências sociológicas, filosóficas, estruturais etc.”, visto que ele acredita fazerem parte também da compreensão do espaço na obra literária.

A obra *O Itapecuru de Zuzu Nahuz* (2018), organizada por Benedito Bogéa Buzar, é uma coletânea de crônicas que falam sobre o passado e presente de um jornalista nascido em Itapecuru Mirim na primeira metade do século XX. Os espaços que são caracterizados nessas narrativas carregam um forte valor afetivo para o narrador, que fala sobre suas vivências em sua terra natal, principalmente sobre sua infância e juventude.

Este trabalho propõe uma análise de alguns dos espaços de memória desse itapecuruense, considerando os aspectos *topofilicos* – relativos à afeição da pessoa ao espaço. Para isso, buscou-se realizar o levantamento da topografia literária dos textos presentes na obra, bem como a biografia do seu escritor, além de examinar a relação existencial entre narrador e os espaços vividos, estabelecendo relações entre as memórias do escritor e os espaços caracterizados por ele.

Desse modo, por ser tratar de uma obra constituída de crônicas de viés predominantemente memorialístico, foram utilizados os estudos de Tuzino (2009) sobre o gênero, e os de Halbwachs (1990), sobre Memória.

Este artigo apresenta os pressupostos teóricos fundamentais para a produção deste trabalho, além dos métodos utilizados para atingir os objetivos da pesquisa, bem como a análise das narrativas e sua caracterização de acordo com a *topoanálise* e os estudos sobre a memória.

2. METODOLOGIA

Para a realização desse estudo, partimos do levantamento da bibliografia dos textos literários, a começar pela leitura da obra *O Itapecuru de Zuzu Nahuz* (2018), além de pesquisa sobre a biografia do autor. Após essa familiarização com o objeto da pesquisa, foi identificada uma recorrência de determinadas temáticas presentes na cronística do autor.

Em seguida, foi feito o levantamento da topografia literária, que, segundo Borges Filho (2008, p.4), é o primeiro passo a ser dado pelo topoanalista, ou seja, trata-se da sondagem dos espaços presentes na obra. Foram, então, listados os textos com caráter mais memorialista, ou seja, aqueles onde o escritor traz mais fortemente suas recordações sobre o passado, assim como os que tratavam de fatos mais contemporâneos ao momento em que o autor os escreveu.

Os fundamentos teóricos deste trabalho circunscreveram-se a textos associados à espacialidade, ao gênero crônica e à memória. Dessa forma, em relação à concepção espacial, o trabalho foi baseado em teóricos associados à *topoanálise*, como Gaston Bachelard (2008) e também Borges Filho, que em seu livro *Espaço e Literatura: uma introdução à topoanálise* (2007), faz uma releitura do primeiro; além de valer-se das contribuições da geografia humanista, tendo em conta Yi-Fu Tuan (1980) e seu conceito de *topofilia*.

Para a compreensão do gênero crônica, foram utilizados como base os estudos de Tuzino (2009) sobre o sentido, história e caracterização desse gênero; e, para a abordagem do fenômeno memória, os estudos de Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (1990) e as reflexões de Rios (2013) elaboradas a partir das concepções de Halbwachs, com ênfase na relação entre memória coletiva e lembranças individuais. O referencial sobre memória contribui para a compreensão das relações existentes entre as memórias do narrador com os espaços apresentados nas crônicas.

3. A CRÔNICA MEMORIALÍSTICA EM O ITAPECURU DE ZUZU NAHUZ

A obra *O Itapecuru de Zuzu Nahuz* (2018), organizada por Benedito Bogéa Buzar, é uma coletânea de crônicas produzidas entre os anos 50 e 60 do século XX pelo escritor e jornalista itapecuruense Raimundo Nonato Coelho Nahuz, mais conhecido por Zuzu Nahuz. De acordo com Santana (2016, p.223), Zuzu era “detentor de inteligência e memória incomuns, sabia fazer jornal como ninguém, com critério e

talento. Era um jornalista fluente, atualizado, sensível e ético. Estava entre os melhores jornalistas de sua época”.

Ao todo, o livro possui 53 crônicas com os mais variados temas do passado e presente do autor, porém, em sua maioria são recordações de sua infância e juventude em Itapecuru Mirim, município do Maranhão, sua terra natal. Santana afirma que Zuzu era fascinado por Itapecuru Mirim e que ele “deixou como legado inúmeros escritos que traduziam, com propriedade, o sentimento de tudo que ele viu e viveu em sua terra, na primeira metade do século XX” (2016, p.223). Assuntos como família, vida escolar, festividades religiosas, aspectos políticos da região são temas que perpassam todas as narrativas presentes na obra. Elas carregam forte caráter afetivo do narrador com suas memórias.

3.1 O CONCEITO DE CRÔNICA E SUA CARACTERIZAÇÃO NA OBRA

Começando pelo conceito de crônica, já que é o gênero textual presente na obra analisada, tomamos por base, como apontamos acima, os estudos de Tuzino (2009) sobre o assunto. A autora informa que a etimologia da palavra crônica está associada ao termo *chronos*, do grego, que significa tempo. Salienta ainda que o sentido mais moderno de crônica está voltado rigorosamente ao literário, quando o termo passou a ser utilizado no século XIX como um tipo de narrativa histórica que aparecia nos jornais impressos da época.

Tuzino, em sua análise sobre crônica, conclui que

A Crônica é Jornalismo e Literatura. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão. É jornalística quando busca no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos e é literária quando se permite utilizar elementos literários (ex.: criação de personagens, linguagem solta e coloquial, etc.) para construí-la (TUZINO, 2009, p. 15).

A partir disso, podemos fazer uma associação com a produção literária de Zuzu Nahuz, pois além de um escritor de crônicas, ele também foi jornalista durante toda sua vida profissional, publicando seus textos em diversos jornais do Maranhão. Em *Sacerdotisa da Poesia*, por exemplo, Zuzu comenta que soube que textos literários de Mariana Luz haviam sido encaminhados ao deputado maranhense Antônio Dino para que os publicasse através de uma editora da capital, Rio de Janeiro. Ele escreve que

De fato, Mariana Luz precisa de divulgação, pois até mesmo em São Luís muitos são os que ignoram os seus méritos de verdadeira poetisa, que sabe cantar a natureza e os sentimentos humanos, com uma sabedoria que caracteriza os lídimos espíritos helênicos, inspirados nas musas (NAHUZ, 2018, p. 25).

Nessa crônica, ele noticia um fato, que é o envio dos originais do livro de versos *Murmúrios* a um deputado, porém, dada a natureza da própria crônica, que permite certa liberdade narrativa, ele também irá trazer seu posicionamento sobre tal fato.

Ademais, o autor utilizou na maioria das crônicas experiências de sua infância e juventude, ou seja, fatos da realidade concreta que viveu, porém, muitas vezes, carregados de um caráter subjetivo, um aspecto literário, pois o gênero crônica permite essa liberdade de criação justamente por ter uma natureza híbrida, ou seja, quem escreve relata fatos e pode trazer a compreensão ou o posicionamento que tem sobre esses.

3.2 AS MEMÓRIAS DO NARRADOR NA OBRA

As memórias individuais do narrador perpassam grande parte das crônicas presentes na obra. Memórias sobre a infância e juventude, a vida escolar, os momentos em família, as brincadeiras e as festividades fazem parte das narrativas de Zuzu Nahuz. O próprio narrador admite a frequência com que retorna às lembranças em sua terra natal na crônica *Saudade do Passado*, quando afirma que “dizem alguns amigos que sou saudosista por natureza. Afirmo, entretanto, que me sinto bem lembrando o passado e mergulhando o meu pensamento naquela saudade infinita” (NAHUZ, 2018, p. 127)

Essas memórias que o narrador traz para as crônicas são boas e lhe fazem bem, ou seja, elas estabelecem uma forte relação afetiva entre o narrador e os espaços de Itapecuru que ele caracteriza. Nesse sentido, há um certo saudosismo em relação ao seu passado e em vários momentos ele expressa isso como na crônica *Prova de Memória*, em que o narrador compara a moda na época em que escreve com a de sua infância e juventude em Itapecuru Mirim: “prefiro ser como sou: saudosista e viver das relíquias de minha infância, embora o modernismo tenha tomado conta do ambiente, das novas gerações, sob o império de uma moda exagerada” (NAHUZ, 2018, p. 79). Dessa maneira, é possível observar o julgamento do narrador aos costumes de uma época diferente da que ele viveu a partir do retorno às suas lembranças.

Nessa perspectiva, Halbwachs afirma que

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (1990, p. 71).

Acima percebe-se que o processo de rememoração ocorre por meio de uma cooperação entre presente e passado. Sobre esta relação, Rios (2013, p. 6) esclarece que “as visões construídas sobre o passado revelam mais sobre o momento presente do que sobre o passado que se pretende restituir (RIOS, 2013, p. 6).

Desse modo, quando o narrador recorda aspectos do seu passado com base nas memórias que tem, ele julga a partir do contexto em que está inserido no mo-

mento em que escreve, para fazer juízo sobre os aspectos culturais que ele considera serem melhores.

Ainda sobre o caráter saudosista das narrativas presentes na obra, Zuzu escreve em *O Velho Possidônio*, que é “um homem saudosista por natureza e como me sinto bem escrevendo sobre momentos do passado, vividos na minha Itapecuru de tantas ilusões e tanta felicidade!” (NAHUZ, 2018, p. 113). Nesse sentido, a partir dessa e de outras narrativas da obra, é possível notar que ele recorda suas lembranças de infância a partir de sua própria percepção sobre os acontecimentos daquela época, mas carregando aspectos também da memória coletiva.

Na crônica *Histórias que Ouvi Contar*, o narrador recorre à memória coletiva sobre o passado de sua cidade natal: “dizem os antigos que Itapecuru Mirim é uma cidade histórica, que guarda no seu passado dias de heroísmo em que os padres jesuítas marcaram presença há mais de trezentos anos, num trabalho de catequese. (NAHUZ, 2018, p. 57). Nessa narrativa, o escritor, a partir da percepção construída socialmente sobre o passado de Itapecuru Mirim, revive, de modo quase nostálgico, acontecimentos importantes que se passaram ali.

Segundo Rios (2013, p. 19), “o sujeito tem suas próprias recordações, assim como também desfruta de certo nível de liberdade, consciência e poder de ação em todos os níveis da vida social. A memória não é totalmente coletiva, nem tampouco totalmente individual”. Desse modo, a construção das lembranças em Zuzu Nahuz possui um caráter ativo do narrador nas percepções que tem sobre seu passado e os espaços presentes nele, mas que também são fruto da memória coletiva, construída pela sociedade em que ele estava inserido.

4. A ESPACIALIDADE NAS NARRATIVAS DE ZUZU NAHUZ

Sobre a questão da espacialidade, pontuamos que os espaços podem ser caracterizados, segundo a definição de Borges Filho (2008, p. 4), como *macroespaços*, que são os grandes espaços como o campo e a cidade, ou *microespaços*, ou seja, espaços menores, que são os que mais aparecem nos textos de Zuzu Nahuz.

Além disso, dentro da classificação de *microespaços*, podemos ter a presença do *cenário*, ou seja, os espaços criados pelo homem, e *natureza*, que são os espaços que independem do homem (BORGES FILHO, 2008, p. 5).

A obra apresenta várias narrativas em que Zuzu Nahuz recorda suas vivências em Itapecuru Mirim, tendo como temas mais recorrentes as festividades, principalmente religiosas, a vida escolar e os momentos em família, além das brincadeiras e momentos de sua juventude. Por se tratarem, em sua maioria, de crônicas com viés memorialístico, percebe-se da parte do narrador a expressão de uma relação sentimental com os espaços, apresentados em estreita relação com suas emoções, ou seja,

possuem um caráter afetivo. Nesse sentido, sobressai uma espacialização nas crônicas que se tipifica tanto como *subjetiva* quanto como *topofílica*, caracterização definida por Tuan (1980, p. 5) como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente”.

Além disso, é importante ressaltar que a *espacialização* em Zuzu é *moderada*, pois as indicações sobre os espaços são mínimas, até por conta do tipo de narrativa que é a crônica, ou seja, um texto curto, que possui uma espacialidade bem delimitada.

Outrossim, a *espacialização* em Zuzu é *panorâmica*, que é caracterizada por indicações mais gerais dos espaços, sem apelar para uma descrição minuciosa. Desse modo, levando em consideração os conceitos da topoanálise, as crônicas da coletânea apresentam uma *espacialização moderada e panorâmica* dos espaços.

Além disso, a terminologia desenvolvida por Borges Filho (2008) sobre o espaço realista é a que mais se aproxima dessa abordagem, visto que, como o próprio autor afirma, é quando “o espaço construído na obra se assemelha à realidade cotidiana da vida real”. Nessa perspectiva, os espaços apresentados por Zuzu Nahuz carregam semelhanças que podem ser constatadas na realidade concreta, fazendo referência a lugares existentes na cidade de Itapecuru Mirim, muitos deles identificáveis até hoje.

Para fins metodológicos, os temas mais recorrentes foram divididos em grupos como festividade, escola e infância. A partir da análise das crônicas pertencentes a cada um desses grupos, foi possível identificar os espaços e suas funções dentro de cada narrativa. As crônicas selecionadas para a análise neste artigo apresentam forte relação entre os espaços e as memórias do narrador, carregando um forte sentimento *topofílico*.

4.1 OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DAS FESTIVIDADES

As festividades, tema recorrente em diversas crônicas da obra, principalmente as de caráter religioso, eram marcantes na região, por causa da religiosidade popular. Tanto na cidade, quando na zona rural, as comemorações em torno de dias santos e figuras religiosas eram extremamente comuns e descritas por Zuzu Nahuz sempre de maneira afetuosa.

Em *Trezena de Santo Antônio*, o escritor recorda os “felizes dias do mês de junho quando se festejava, no arraial do velho Gabriel, a Trezena de Santo Antônio, no Sítio do Bié” (NAHUZ, 2018, p. 27). Nessa narrativa, assim como em outras, o narrador rememora as festividades em que a cidade se mobilizava em torno do momento para se divertir e devotar o Santo. Esses momentos descritos por ele são coisas “que os tempos não trazem mais” (NAHUZ, 2018, p. 27)

Em *Missa Nova do Padre Raposo*, Zuzu descreve os preparativos da cidade para o grande momento em que todos prestigiarão a Missa Nova do Padre José de Ribamar Montelo Raposo. “As ruas encontravam-se adornadas de bandeirolas de papel e de patis, palmeiras da região e utilizadas para enfeitar eventos festivos” (NAHUZ,

2018, p. 38). Além disso, Zuzu recorda ainda que “toda cidade se apresentava inteiramente diferente e a caboclada dos núcleos de produção do Município se arrastavam para a sede, a fim de assistir à Missa Nova do Padre Raposo” (NAHUZ, 2018, p.38). Algumas dessas pessoas, segundo Zuzu, hospedavam-se no espaço da casa de uma senhora, que ele julgava ser a dona da mais bonita das casas da cidade naquela época. Nesse sentido, havia acolhimento e receptividade.

4.2 OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DA ESCOLA

Os espaços das escolas citadas pelo narrador em diversas crônicas da obra carregam memórias afetivas muito fortes no narrador. Ele cita figuras professorais conhecidas pelos itapecuruenses que, em sua época de escola, ainda eram vivos como os professores Newton Neves e Manfredo Viana.

Nesses espaços, Zuzu viveu muitas emoções e também carregou diversos aprendizados para sua vida. O primeiro espaço relativo à escola é citado por ele em *Newton Neves, O Grande Educador* como “velho salão amplo e arejado da casa do major Bento Nogueira da Cruz”. O cronista descreve também a figura do professor Newton Neves, por quem sempre nutriu respeito, como “grande educador maranhense” que “ministrava suas aulas trajando uma roupa de brim amarelo, óculos de lentes grossas e côncavas e uma régua de setenta centímetros entre os dedos da mão esquerda” (NAHUZ, 2018, p. 17)

Na crônica *Grãos de Milho nos Joelhos*, Zuzu recorda momentos em que sofreu castigos dos professores, prática recorrente nas escolas daquela época. Ele descreve uma das situações em que o professor pede para que solete a palavra “piquenique” e confessa que errou e “o velho educador não teve contemplação comigo: aplicou-me uma dúzia de bolos com palmatória de pau roxo” (NAHUZ, 2018, p. 131). Ele ainda diz que sentiu muita dor depois, a ponto de chegar a fazer “pipi nas calças”.

Apesar disso, Zuzu recorda esse e outros acontecimentos com saudosismo, visto que, no final dessa crônica, ele descreve o estudante da época em que escreve como “folgado e faz o que bem entende” (NAHUZ, 2018, p. 133). Ainda segundo ele, “os castigos que recebi foram pesados”, mas “serviram para que eu aprendesse um pouco do que se ensinava naquela época”. Desse modo, apesar de algumas ações que ocorreram nesse espaço serem violentas, como no caso dos castigos físicos, o narrador sente que ainda assim era melhor que ocorressem.

4.3 OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DA INFÂNCIA

No grupo da infância, as crônicas tratam de fatos que vão além das festividades religiosas e dos momentos nas escolas em que Zuzu Nahuz estudou. Elas falam sobre outros momentos de sua infância, em que os espaços da casa, das ruas, do rio, estão mais presentes.

Em *Coisas que o Tempo Levou*, o narrador recorda de alguns momentos bons de sua infância em sua cidade natal: “com alegria, recordo dos dias da infância em que brincava nas ruas largas e cheias de sol, dos papagaios de papel, dos castelos de castanha de caju e do jogo de pelada na porta da residência de meus pais.” (NAHUZ, 2018, p.31). Nela, é possível perceber que o espaço descrito é homólogo, visto que as “ruas largas e cheias de sol” eram ambiente propício para brincadeiras de todos os tipos em frente à sua casa, e isso lhe causava bastante alegria.

O Circo Paraense é outra crônica em que Zuzu recorda um dos momentos em que a cidade de Itapecuru Mirim se divertia: a chegada do “circo trazendo o palhaço e os artistas”. O circo foi instalado na Praça do Mercado Público, que existe até hoje. O espaço circense era um lugar que o menino Zuzu e quase toda a cidade gostava, tanto é que “decorridos trinta e seis anos, essas lembranças vivem fixas em minha memória como se eu estivesse assistindo na minha cidade tudo outra vez” (NAHUZ, 2018, p. 122).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas presentes na obra são, em sua maioria, memorialistas, ou seja, trazem as recordações do narrador sobre sua infância e juventude no município de Itapecuru Mirim. Nelas, os espaços caracterizados pelo narrador possuem um valor afetivo significativo em suas memórias. Eles se configuram como *microespaços*, ou seja, espaços menores, como a casa de seus pais, as ruas da cidade, a escola etc. E *realistas*, pois se assemelham à realidade concreta da região caracterizada. Os temas mais presentes são sobre a escola, as festividades religiosas, entre outros. Em todas elas, o narrador, através de suas recordações, estabelece uma relação de afetividade com os espaços descritos. Essas memórias carregam o saudosismo e a nostalgia de um tempo, que segundo o narrador, não volta mais.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. Franca, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

NAHUZ, Zuzu. **O Itapecuru de Zuzu Nahuz**. São Luís: AML, 2018.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/viewFile/7102/9367>.

SANTANA, Jucey. **Itapecuruenses notáveis**. São Luís: 360º Gráfica Editora, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura. **VI Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo**, Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>.



Publicado em: 28.12.2023

O FITOTOPÔNIMO MANDIOCA: UMA ANÁLISE DA MOTIVAÇÃO E NOMEAÇÃO DO POVOADO, POR MEIO DO SEU ESPELHO LINGUÍSTICO, GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E CULTURAL

Tiago de Oliveira Ferreira

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: tiagouemanet2018@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa demonstrar os fatores linguísticos e extralinguísticos que motivaram a nomeação de um povoado ribeirinho do rio Itapecuru no Maranhão com o étimo Mandioca. Durante o percurso de construção da pesquisa é possível observar a presença, por meio dos termos encontrados das três principais etnias que formaram o Brasil os nativos americanos, os portugueses e os africanos utilizando-se dos mesmos conhecimentos em torno do vegetal mandioca para a sua cultura alimentar. Logo, é perceptível que foram os fatores da língua e da cultura alimentar dela que criaram a motivação necessária ou fundamental para a nomeação do topônimo ribeirinho. Outrossim, foi preciso tecer a descrição histórica da povoação das margens do rio Itapecuru, assim como, as características geográficas da região afim de localizar o leitor no espaço temporal e geográfico deste povoado. A fundamentação teórica baseou-se em autores da historiografia clássica do Maranhão, tais como: Assunção (2015), Coutinho (2005), e no que tange, aos autores fundamentais do ramo toponímico e da gramática propriamente dita o texto foi construído pelos preceitos de Dick (1990), Sampaio (1987), Lima (1998), Mey (1998) e Bechara (2011). Fundamentando-se assim, nas principais referências de estudos teóricos linguísticos, variações e valores semânticos. Pois, o principal objetivo foi compreender os traços sociolinguísticos, históricos e antropológicos que motivaram a nomeação do espaço geográfico foco do artigo. Os dados analisados foram embasados numa pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e multidisciplinar. Dessa forma, os resultados obtidos serão relevantes para o saber linguístico e do léxico da bacia do rio Itapecuru.

Palavras-chave: Toponímia; Mandioca; Motivação; Nomeação.

THE CASSAVA PHYTOTOPONYM: AN ANALYSIS OF THE MOTIVATION AND NAMING OF THE VILLAGE, THROUGH ITS LINGUISTIC, GEOGRAPHIC, HISTORICAL AND CULTURAL MIRROR

ABSTRACT

The present work aims to demonstrate the linguistic and extralinguistic factors that motivated the naming of a riverside village on the Itapecuru river in Maranhão

with the etym Mandioca. During the construction of the research, it is possible to observe the presence, through the terms found, of the three main ethnicities that formed Brazil, the Native Americans, the Portuguese and the Africans, using the same knowledge surrounding the cassava vegetable for their culture. to feed. Therefore, it is clear that it was the language and food culture factors that created the necessary or fundamental motivation for naming the riverine toponym. Furthermore, it was necessary to provide a historical description of the village on the banks of the Itapecuru River, as well as the geographical characteristics of the region in order to locate the reader in the temporal and geographic space of this village. The theoretical foundation was based on authors of the classic historiography of Maranhão, such as: Assunção (2015), Coutinho (2005), and regarding the fundamental authors of the toponymic branch and grammar itself, the text was constructed by the precepts of Dick (1990), Sampaio (1987), Lima (1998), Mey (1998) and Bechara (2011). Thus, based on the main references of linguistic theoretical studies, variations and semantic values. The main objective was to understand the sociolinguistic, historical and anthropological traits that motivated the naming of the geographic space that is the focus of the article. The data analyzed were based on a qualitative and multidisciplinary bibliographical research. In this way, the results obtained will be relevant to the linguistic and lexical knowledge of the Itapecuru river basin.

Keywords: *Toponymy; Cassava; Motivation; Naming.*

1. AS IMPLICAÇÕES DO ENTORNO DE UMA PESQUISA SOBRE TOPONÍMIA

No que tange aos estudos deste campo da Linguística, ratifica-se que estudar a Toponímia tendo como foco a língua, a história, a geografia e a cultura de um povo é fazer um resgate do vocabulário antigo dos povos originários, do português brasileiro preexistente em um território, já que é possível conhecer nomes próprios deixados por grupos étnicos já extintos do Itapecuru, a saber: barbados, uruatis, guaxinarés; nomes ligados à mineração: Areias; nomes de propriedades rurais: fazenda Santa Rosa, São Roque; nomes ligados a flora local: Pequi, Timbotiba e Mandioca topônimo alvo da pesquisa embasado nos estudos onomásticos.

Para se chegar aos resultados, é preciso observar os aspectos da linguagem local. Verificamos que para Lyons (2009, p. 7): “A linguagem, portanto, pode ser legitimamente considerada sob um ponto de vista comportamental (embora não necessariamente comportamentalista)”, isto é, para o autor ela tem a ver com as relações diárias que os falantes fazem entre o meio social a que pertencem e o conjunto de fatores que o cercam. Nessa linha de pensamento, a experimentação humana e os usos da fala no cotidiano são essenciais para o entendimento e embasamento dos fundamentos toponímicos.

Desta forma, o lugar de habitação é especial, é o chão onde fixamos nossas raízes, é por isso que, se lançarmos um olhar desprezioso sobre sua denominação, pode ser que não vejamos os variados motivos que teve o nomeador ao adotar um

étimo como individualizador de onde fixa moradia, de onde escolhe como endereço, de onde constituirá família e, sem muito nos alongar, de onde alimentará sentimentos de pertencimento porque aquele lugar lhe é caro, por conta dos bens ali postos. O que queremos dizer é que o topônimo não serve apenas como o nome de lugar, mas como o elemento que está na vida das pessoas assim como estão seus documentos oficiais de identificação.

Considerando esse caráter documental dos nomes dos lugares, nos vêm os questionamentos: (i) Por que nomear uma comunidade com um étimo indígena como mandioca? (ii) Por que usar uma palavra da flora sul-americana para perpetuar os usos e costumes locais de uma comunidade? (iii) Que importância local, municipal, estadual, regional, nacional ou continental teria um elemento da flora na gastronomia, na medicina popular, na língua, na história de vida das pessoas de um determinado lugar? Todas essas indagações perpassam pelo uso do termo *mandioca* para nomear uma comunidade localizada às margens do rio Itapecuru no município maranhense Itapecuru Mirim.

O Povoado Mandioca, assim como Javi e Pequi, é uma localidade ribeirinha de Itapecuru Mirim. Distante 12 km da sede do Município, podemos chegar a ele tanto acessando o rio Itapecuru em canoas quanto pela estrada vicinal, passando pelos Povoados de Campestre, Coqueiro, Barriguda, Campo Rio e Pequi. Além dessas duas vias, há outro caminho alternativo, vindo das povoações do município de Santa Rita, tendo como rota os povoados São Tiago, Veneza, Pirical, Santa Luzia e Maria de Fogo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como referencial tanto do uso toponímico, da descrição geográfica e da perpetuação histórica deste povoado, podemos citar, antes de adentrarmos nestes conceitos a miúdo, o Mapa do Ministério do Exército – Departamento de Engenharia e Comunicações - Diretoria de Serviço Geográfico. Referência Itapecuru Mirim, nº MI 610. Ano de 1980. Nele aparece os nomes de todos os povoados supracitados, assim como o termo Mandioca, já com a grafia atual.

Quando nos perdemos, é no nosso lugar de origem que nos encontramos, encontramos traços de nossas histórias, de nossa remanência. Se por algum motivo o nome do lugar for mudado (alteração toponímica/toponomástica) ou o lugar deixar de existir, a história das pessoas, de igual forma, desaparece também, por isso, o topônimo tem valor documental e de preservação da memória coletiva e individual, além disso, tem valor sentimental, muito discutido pela Topofilia.

No que tange à etimologia da lexia mandioca, sabemos que é um étimo de origem Tupi, que para Sampaio (1987, p. 277) seria: “*many-oga*, procedendo de *manyba* ou *mandyba*”. Nos dicionários gerais da Língua portuguesa, há registro de que man-

dioca se refere tanto à planta quanto ao arbusto. Para Maranhão, por exemplo, (2012, p. 183) “maniva é “arbusto semelhante no lenho à macieira nova, com folhas retalhadas a modo de mão aberta. São várias as castas”. Vale ressaltar, que castas para o autor refere-se as variedades de mandioca que temos na América do Sul, de onde a planta é procedente.

É no contexto histórico da doação e/ou ocupação das sesmarias das Belfort, com a presença de mão de obra escravizada (tanto de africanos quanto da população local), em que vamos ter acesso ao cultivo da terra e, a partir dele, o manejo de produtos da agricultura familiar e do comércio de subsistência, com a mandioca, arbusto nativo da América do Sul que é usado como topônimo de uma comunidade Remanescente Quilombola e ribeirinha itapecuruense, resgatando, dessa forma, um elemento de grande importância não só para os maranhenses, mas para os nordestinos, pois, da mandioca podemos usar todas as partes (raízes/tubérculos/batatas, caule, folhas).

Foto 1: Início do Povoado Mandioca.



Fonte: Acervo do Autor (2021).

O Povoado Mandioca é constituído de 22 moradias, onde habitam 41 famílias em casas de alvenaria¹ e também de taipa, isto é, feitas de barro e cobertas com palha de palmeira de babaçu. Esse lugar tem o título de Comunidade Remanescente Quilombola conferido pela Fundação Cultural Palmares (Santana, 2018), terras essas, vinculadas ao Território Quilombola de Santa Maria dos Pretos, uma vez que fazia parte da sesmarias² da família Belfort, respectivamente de Ana Rita e Maria Rita Belfort, que de acordo com Coutinho (2005) as doações destas terras, pela Coroa Portuguesa, datam dos primeiros anos do século XIX.

1 Moradias construídas a partir de Programas Habitacionais federais, estaduais, municipais e da iniciativa privada?

2 As sesmarias eram terrenos abandonados ou sem cultivos que os reis de Portugal cediam aos novos povoadores para que estes fixassem moradia e, conseqüentemente, cultivassem, dessa forma, a ocupação territorial poderia desenvolver-se com fazendas, criação de gado, engenhos, entre outros.

A respeito da motivação toponímica do povoado ribeirinho itapecuruense Mandioca, temos o registro histórico do início do século XX, no Jornal maranhense, A Pacotilha (1901, p. 3), que noticiava que:

O individuo José Romão, que residiu algum tempo em localidade d'este termo, ultimamente chegado do Pará, procurou-me em minha alludida residência, a pretexto de haver de mim a importância de ordenados como ex-empregado de minha casa no lugar Mandioca, cargo que desempenhou com todo desleixo durante quatro ou cinco mezes, há aproximadamente nove annos (sic). (A Pacotilha, 1901, p. 3).

A partir dessa notícia do Pacotilha, podemos inferir várias informações sobre o Povoado Mandioca: (i) a contextualização geográfica do povoado, uma vez que ele é apresentado como *termo*, isto é, região ou território que se estende em torno de uma cidade, vila, neste caso, uma comunidade circunvizinha do Município e do Rio Itapecuru; (ii) a ocupação dessas terras por um donatário que a usufruía e que tinha posses, poder aquisitivo elevado; (iii) a existência documental do topônimo, comprovando, assim, seus mais de 2 séculos de nomeação, provavelmente sem alteração toponímica ao longo desse tempo.

A partir do que afirmamos, podemos perceber que o Povoado Mandioca tinha importância econômica no contexto do município de Itapecuru não só por ser uma sesmaria, mas porque lá havia intenso comércio fluvial entre 1840 e 1960, favorecendo com que Mandioca se tornasse um porto ribeirinho de destaque, se consolidando como ponto de acesso a vários lugares da região, o que, acertadamente, serviu para consolidar a motivação toponímica, já referenciada tanto para os moradores, quanto para os transeuntes e comerciantes do lugar.

Vale a ressalva de que, mesmo que nosso estudo seja sobre o topônimo Mandioca, as variações do Tupis: *manyba*, *mandyba* e *maniva* também são usadas como topônimos nas áreas adjacentes ao Rio Itapecuru, a exemplo de Maniva, topônimo do município de Santa Rita, que por estar há mais de 2km da margem do rio Itapecuru, não foi inserido no locus desta pesquisa.

Nos países hispânicos sul-americanos onde percebemos a presença marcante da mandioca não só na gastronomia quanto nas lendas dos Impérios Incas, Maias e Astecas, a mandioca é chamada de *yuca* e é considerada como alimento presenteados pelos deuses, isto é, sagrado, enviado ao homem em período de extrema escassez de alimentos, em que os povos clamavam por ajuda, dos seus deuses e, forma atendidos com um alimento que poderiam plantar e se alimentar abundantemente.

De fundamental importância é frisarmos que o étimo mandioca, por vias do consumo (humano e animal) e comercialização de subprodutos (farinhas, tapioca, bolos, doces, bebidas), acabou se difundindo em outros continentes, chegando a ser cultivado em Angola, Moçambique, Índia, China, Espanha e Portugal. A respeito deste exportação da farinha de mandioca para Portugal, Lima (1998, p. 144) afirma que,

já no século XVIII, em 1797, “D. Rodrigo de Souza Coutinho dirigiu-se ao governador do Maranhão D. Fernando de Noronha, transmitindo-lhe ordem régia de sua Magestade para que fosse facilitado o cultivo da farinha-de-pau e sua remessa para o reino”.

A partir da etimologia de *mandioca* podemos perceber a grande influência que têm as línguas indígenas na nomeação de lugares no Maranhão, neste caso, se trata da adoção e manutenção de uma palavra do tupi que, mesmo sendo proibido o uso com a Lei pombalina (1758), foi sobrevivendo nessas pequenas amostras de resistência, isto é: (i) no uso de indigenismos para nomeação de elementos antropoculturais e da Terra/flora; (ii) na literatura oral, com as lendas e relatos que sustentam o surgimento de seus minhos e elementos étnicos; (iii) de algumas técnicas agrícolas de plantio e colheita de produtos como o milho, mandioca, abóbora, feijão, batata doce; (iv) na gastronomia com elementos da fauna e da flora, no consumo de alimentos *in natura* ou cozidos, moqueados, assados; (v) na medicina popular com o manejo das ervas medicinais; em técnicas de caça e pesca; (vi) em usos, costumes e hábitos que incorporamos à nossa rotina, como comer de côcoar, fazer punhados de comida para levar à boca, dormir de rede, entre outros.

No que tange aos indigenismos, ou seja, às contribuições de palavras, construção ou locução das Línguas indígenas que foram tomadas de empréstimo pela Língua Portuguesa, muita foram mantidas, outras foram adaptadas à grafia lusitana, mas o certo é que, na Toponímia maranhense é significativa a presença de nomes de lugares/topônimos indígenas, conforme podemos evidenciar na nomeação dos municípios do nosso Estado: Anajatuba, Bacabeira, Mirinzal, Itapecuru Mirim, Bacuri, Bacurituba, Peri-Mirin, Camboa, Anil, Bacanga, Itapiracó, entre outros.

3. A METODOLOGIA E OS RESULTADOS ESPERADOS

A metodologia da pesquisa engloba a delimitação da área, o levantamento dos topônimos, a classificação e a descrição linguística por meio da classificação toponímica e da interpretação da nomeação do povoado como sinal discursivo do processo de identificação dos moradores ribeirinhos, que já estão consagrados na linguagem e cultura local. O foco é o espaço geográfico do topônimo ribeirinho, a beira do rio Itapecuru; a nomeação é o reflexo da prática discursiva ali operada que vai fazer com que o processo de identificação se manifeste pela historicidade local sinalizada na motivação dos topônimos.

No município de Itapecuru Mirim, essa regra que vale para o Estado, também se aplica, uma vez que temos muitos topônimos de origem indígena, caso do Povoado Mandioca, cujo étimo *mandioca* está entre as “plantas nordestinas mais significativas no contexto regional, ..., a pesar da sua generalidade por todo o território” (Dick, p. 164). O que a pesquisadora põe de relevo é que, entre os topônimos que são de origem física porque resgatam elementos da natureza, a planta da mandioca, figura como uma entre as principais que são usadas para nomear lugares no território nacional, essa é uma

das importância desse fitotopônimo, memorizar no coletivo nacional, um elemento da flora nacional de fundamental importância na economia e cultura do brasileiro.

Além de valorizar a presença da mandioca na Toponímia nacional no norte, nordeste, centro-este, assim como das suas variações fitotoponímicas: Carimã, Croeira, Tapioca, Tapiti, Tipiti, Manitiba e Maniva, Dick (p. 195-196) nos assegura que:

A importância e a função motivadora da vegetação na toponímia estão, portanto, caracterizadas, não apenas na variedade de fatores determinantes, (...), como, também, no processo distributivos dos nomes das áreas específicas de referência, de acordo com o elemento predominante. De maior valia para o estudo científico se torna, assim, o topônimo, quando a espécie por ele lembrada se encontra em conjunção com a área geográfica de sua ocorrência. (Dick, p. 195-196).

A partir dessa afirmativa da pesquisadora pontuamos que o Povoado Mandioca reflete exatamente isso, por ter sua nomeação motivada por fatores: (i) econômicos, por ter surgido em área de porto fluvial e de sesmarias; (ii) físicos-geográficos, por ser comunidade ribeirinha e rural, onde há a grande incidência da agricultura familiar e/ou de subsistência; (iii) étnico-cultural, por ser demarcada, delimitada como sendo parte integrante de uma Comunidade remanescente Quilombola, comprovando, dessa forma, que o que assegura Mey (1998, p. 76-77), quando afirma que a

Língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da 'alma' ou do íntimo, ou do que quer que seja, do indivíduo, e é, acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se seus membros fossem a sua boca. (Mey, 1998, p. 76-77).

Na literatura cuja temática gira em torno do ameríndio, são abundantes as lendas ou mitos etiológicos, isto é, aqueles que explicam a origem de seres, coisas, técnicas, instituições da cultura indígena, dessa forma, destacamos a publicação de Savary (2016) e uma obra publicada pela Embaixada da Espanha que trata das lendas da Amazônia. No livro, de edição bilíngue (Português/Espanhol) Gómez Platero (2011) aborda 17 lendas, dentre elas encontramos a que trata da mandioca. tanto a narrativa de Savary (2016) quanto a de Platero (2011) conta que a filha do cacique de uma tribo tupi engravidou sendo virgem/sem namoro, pariu uma indiazinha chamada *mani*, que adoeceu misteriosamente e morreu antes dos dois anos de idade, após a morte de *mani*, as mulheres e todas as pessoas da tribo regavam diariamente a cova da cunhã com água do rio, ocorre que, um dia Gómez Platero, 2011, p. 31:

Para gran sorpresa y alegría de todos los miembros de la tribu, del suelo donde estaba enterrada la bella Mani, brotaron algunas hojas y una majestuosa planta con fuertes raíces gruesas. Más tarde, se descubrió que las raíces, una vez cocidas, se convertían en un excelente alimento muy nutritivo y sabroso. Todos los indios se reunieron, (...), em que la bella india, madre nostálgica de la pequeña Mani, en memoria de su hija, le dio a aquella planta el sugerente nombre de maniva (Gómez Platero, 2011, p. 31)³.

³ para grande surpresa e alegria de todos os membros da tribo, do chão onde estava enterrada a bela Mani, brotaram algumas folhas e uma majestosa planta com fortes raízes grossas. Mais tarde, descobriram que as

Na medicina popular maranhense, a mandioca ou seus subprodutos estão presentes nos mais diversos usos, a exemplo: (i) do mingau da farinha seca ou de puba que é usado para aumentar o leite das parturientes/mulheres paridas; (ii) do cataplasma da farinha seca ou farinha d'água que é usado para dores e inchaços; (iii) do costume de engolir punhados ou caroços de farinha d'água para desengasgar de espinhas de peixe; (iv) do uso da macaxeira dissolvida no vinho branco para curar/tratar sífilis; (v) do cataplasma da raspa da mandioca para curar/tratar erisipela; (vi) do uso da cachaça ou álcool misturado à tapioca com mel de abelha para tratamento de queimadura de sol.

A respeito da lexia cataplasma que citamos duas vezes aqui, vale o esclarecimento oportuno para evitar incertezas, pois cataplasma nada mais é do que uma espécie de papa medicamentosa feita de farinhas, polpas ou pó de raízes e folhas que se aplica sobre alguma parte do corpo dolorida ou inflamada. Lima (1998, p. 126), explica que para fazermos um cataplasma é necessário triturar/amassar/socar/pilar as ervas até que virem um pó, misturar água e farinha de mandioca e aplicar quente no local doente, entre dois ou três pedaços de pano, medicina popular genuína!

Na gastronomia, os usos da mandioca são tão abundantes quanto os da medicina popular, uma vez que as guloseimas preparadas a partir dos subprodutos ou partes da planta/alimento, levam qualquer amante das farinhas, tapiocas ou bebidas, a cometerem o pecado da gula, dessa forma, temos duas espécies de mandiocas a amarga e a doce, o que difere uma da outra é que a primeira é venenosa e precisa de tratamento especial para expurgar o veneno, já a primeira pode ser consumida sem tratamentos especiais. Vejam na sequencia as partes das plantas que usamos, assim como seus subprodutos, que comprovam a polivalência desse alimento divino, a mandioca/yuca.

Planta	Partes	Produtos
mandioca amarga, mandioca brava	Tubérculo, raiz, batata	farinha d'água ou amarela, farinha seca ou branca, grossa ou fina/mimosa, farinha carimã/massa-d'água ou puba, pirão, farofa, papas, mingau suco/molho tucupi, tiquira
mandioca doce, mandioca mansa, macaxeira, aipim	Tubérculo, raiz, batata	tapioca de caroço, tapioca fina polvilho, goma, bolo, pudim, beiju, <i>maniocaba</i> ⁴ consumida cozida, assada, frita, em forma de purês
Caule	usado como pedaços ou toras para plantio	Uma nova planta, nascida sem sementes
folhas da mandioca mansa	Folha inteira ou picada	usada como se fosse espinafre

raízes, quando cozidas, se convertiam em um excelente alimento muito nutritivo y saboroso. Todos os índios se reuniram, (...), a bela índia, mãe saudosa da pequena Mani, em memória de sua filha, deu à aquela planta o sugestivo nome de maniva (Gómez Platero, 2011, p. 31).

4 Mingau feito com o suco da macaxeira e arroz.

No que se refere ao tucupi, Lima (1998, p. 147) explica que esse “suco é no começo venenoso⁵, mas, depois de fermentado torna-se bastante inofensivo para servir de bebida.” Acrescenta ainda que esse líquido pode ser “misturado com sal, pimenta e alho se transforma no tucupi simples e quando fervido ao fogo é chamado de tucupi cozido, excelente molho para caça ou pescado”. Os bons glutões de plantão quando ouvem tucupi, o associam também ao irresistível pato no tucupi, ao tacacá, iguarias paraenses! Já nós maranhenses não resistimos a uma garrafada de pimenta feita com o tucupi! Coisas de quem vive na região da Amazônia Legal (Lima, 1998, p. 149):

A farinha é sempre bem-vinda à mesa maranhense, d’água ou seca, escaldada como pirão, em farofa torrada ou molhada, no angu, engrossando o chibé, com café, leite, melado, socada com arne na paçoca, acompanhando a manga, o abacate, a melancia, encorpendo a juçara, o buriti (Lima, 1998, p. 149).

Salientamos ainda, que poucas palavras representam tão bem a cultura e a língua dos nativos como mandioca, pois, desde os primeiros registros de que temos notícia, a mesma aparece atrelada aos hábitos alimentares dos aborígenes, além dos rituais sagrados da religião cristã na América do Sul, quando os seus derivados farinhas, beijos e bolos são produzidos durante as Ceias de Natal, Semana Santa e festejos tradicionais, sem esquecer é claro da *tiquira*⁶.

Há pelo menos 9 mil anos, os indígenas sul-americanos domesticaram a mandioca, raiz que hoje é um dos alimentos mais básicos da população brasileira. O estado de Rondônia foi o pioneiro no plantio da raiz, que se espalhou por todo o território brasileiro e foi recebendo diversos nomes, conforme a língua da tribo ou da variedade cultivada”. (Mendonça, Alves, 2020, p. 123).

Estudiosos das *coisas* do Maranhão, como Lima (1998), Maranhão (2012) e Mendonça e Alves (2020) fazem um arcabouço detalhado sobre a planta e o tubérculo. Esses pesquisadores são enfáticos em afirmar que há duas espécies de mandiocas: a amarga e a doce, como podemos evidenciar a seguir na afirmação de Maranhão (2012, p. 183) sobre a planta que:

Produz na raiz uma espécie de batata denominada mandioca, comprida e grossa de casca áspera e grossa. Desta batata descascada, ralada, bem espremida, e depois torrada em grandes alguidares de barro ou cobre, chamados fornos e assentados sobre fomalhas, aqui se faz a farinha chamada da terra, e em Portugal, farinha-de-pau, e que serve de pão aos habitantes do país. (Maranhão, 2012, p. 183)

No que se refere à técnica de plantio e fabricação de farinhas da mandioca, tradicionalmente o processo dessa cultura, ainda é familiar ou de subsistência e obedece ao seguinte processo: (i) preparo do terreno/roça com queima, arrancamento

5 De certa qualidade de mandioca, a brava, extrai-se um líquido amarelo que, após ferver, torna-se um veneno perigosíssimo chamado curare (Gómez Platero, 2011, p. 26).

6 Bebida, aguardente, obtida a partir da fermentação da polpa da mandioca, legada a nós pelos povos originários/indígenas.

de tocos, adubagem com as coivaras; (ii) abertura de covas, de tamanho regulares, de 5 a 6 polegadas para o plantio do caule; (iii) consorcio do plantio da mandioca com outros produtos alimentícios, como o milho, melancia, feijão, maxixe, quiabo, vinagreira, para otimizar o uso do terreno; (iv) arrancamento da mandioca ou colheita dos tubérculos/raízes/batatas, no período de 15 e 24 meses, a depender da terra, do clima e da necessidade do agricultor; (v) processo primitivo de industrialização caseira com a lavagem, descascamento, moagem, fermentação, prensa da massa e torragem na casa-de-farinha (Cf. foto 2).

Foto 2: Agricultor torrando farinha seca.



Fonte: Acervo do Autor (2021).

Quanto à técnica de fabricação da farinha de puba toda a carga de mandioca/bubérculos é posta num local chamado de pubeiro (Cf. foto 3), que pode ser em igarapés, fontes ou tanques de cimento, lá fica depositada de 2 a 3 dias para que possa amolecer ou mesmo apodrecer, para então, obter um tipo de massa de mandioca fermentada (a massa de puba), que pode ser usada para fazer iguarias gastronômicas, dessa forma, o processo é simples: (i) a mandioca é posta no rio para amolecer e é protegida das correntezas com palhas de babaçu; (ii) na sequência ela é retirada do rio e transportada em jacás, no lombo de jumentos para a casa-de-farinha; (iii) lá a mandioca é processada a partir da prensa no tapiti para enxugar a massa obtida; (iv) a massa obtida é torrada, transformando-se em farinha.

Vale lembrar que, caso a farinha seja seca ou branca, o que difere desses dois processos de fabricação, acima descritos, é o ato de pôr no pubeiro, pois a farinha seca não precisa apodrecer as raízes na água para ser produzida. Outra curiosidade a respeito do manejo da mandioca para consumo, é muito comum, nas casas de forno/casa-de-farinha, os agricultores fazerem um tipo de lanche com a farinha escaldada, isto é, quando ela não possui mais a toxina, que já fora extinta pelo calor do

forno e ainda não secou o suficiente, eles a temperam com se sal, pimenta, limão, cheiro verde e se come com peixe assado, camarão, carne seca! Em algumas regiões do município de Itapecuru Mirim e Presidente Vargas, essa iguaria é chamada de cafofa, no vale do Itapecuru, é mais conhecida como macaco.

Foto 3: Pubeiro em Igarapé.



Fonte: Acervo do Autor (2021).

3.1 ANÁLISE DOS DADOS

As pesquisas em Toponímia no Brasil, em nível de academia, têm fundamentalmente como objetivo macro: a coleta e a formação de um banco de dados em textos discursivos, que são arquivados e catalogados por meio das fichas lexicográficas-toponímica ou/e artigos científicos. Desta forma:

I - Analisamos qualitativamente as informações a fim de encontrar o que motivou a nomeação do topônimo selecionado dentro do que observa a onomástica toponímica e do que já fora descrito nesta pesquisa sobre a taxa de natureza antropológica;

II - As informações toponímicas presentes nesta pesquisa partem de um período histórico do século XVII, que ficou conhecido, para a posteridade, como o da Fundação da França Equinocial ou simplesmente invasão francesa do Maranhão, uma vez que é das narrativas descritivas de D'Abville (2002), que remete ao ano de 1612, de onde tiramos o primeiro registro toponímico referente ao rio Itapecuru, ou seja, a zona de pesquisa do povoado;

III – Buscamos por meio da investigação dos fatores linguísticos e extralinguísticos traçar a origem do topônimo. Esse percurso pode ser visualizado pelo contexto histórico e na taxonômica do topônimo, que respectivamente apresentam os primeiros registros do termo e as suas alterações toponímicas.

Notadamente, houve buscas em outros momentos emblemáticos, perpassando pela expulsão dos franceses do Maranhão, pela invasão e expulsão dos holandeses, distribuição das cartas de sesmarias e datas pelos portugueses, assim como registros em mapas, documentos oficiais da administração pública, jornais antigos e autores consagrados da historiografia maranhense.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, com a conclusão dos dados, a formulação do *corpus* da pesquisa e após termos alcançado os resultados esperados, acreditamos que as informações produzidas por este artigo de natureza toponomástica podem contribuir na formulação de novos estudos acadêmicos sobre a toponímia ribeirinha do rio Itapecuru e, por conseguinte, da maranhense, assim como motivar os habitantes ribeirinhos a conhecerem as suas raízes linguísticas, tendo como parâmetro o resgate da linguagem dos topônimos, servindo de consulta para trabalhos escolares na Educação Básica do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio, principalmente das escolas localizadas nos topônimos investigados. Assim, como possibilitar o desenvolvimento de novas pesquisas acadêmicas sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig. **De caboclos a bem-te-vis: formação do campesinato numa sociedade escravista: Maranhão, 1800 – 1850** / Mathias Röhrig Assunção. – São Paulo: Annablume, 2015.

BECHARA, Ivanildo. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa** / Evanildo Bechara (organizador). – São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2011.

COUTINHO, Mílson. **Fidalgos e barões: uma história da nobiliarquia lusomaranhense**/Mílson Coutinho; apresentação Sebastião Moreira Duarte. São Luís: Editora Instituto Geia, 2005.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

GÓMEZ PLATERO, Ana María Gómez; EHRICHS, Victoria Palma. **Leyendas de la Amazonia brasileña**. Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de España/ Secretaría General Técnica, 2011. (Colección Orellana, 76). Edición bilingüe: Portugués/Español.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa** / [Antônio Houaiss e Mauro Sales Villar; elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa]. – 4. ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LIMA, Zelinda Machado de Castro e. **Pecados da gula: comer e beber das gentes do Maranhão**. São Luís: CBPC, 1998.

MARANHÃO, Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. **Poranduba Maranhense ou Relação Histórica da Província do Maranhão** / Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão; apresentação Jomar Moraes. São Luís: AML, 2012.

MENDONÇA, T. A.; ALVES, C. C. B. **Macaxeira, Mandioca Mansa Ou Aipim – o que dizem os maranhenses?** Estudos da Linguagem: a variação linguística em foco: Volume 1 / Organização: Cibelle Corrêa Béliche Alves [et al.]. - São Luís: EDUFMA, 2020.

MEY, Jacob L. **Etnia, identidade e língua**. In.: Signorini, Inês (Org.). *Língua e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

Mapa do Ministério do Exército – Departamento de Engenharia e Comunicações - Diretoria de Serviço Geográfico. Referência Itapecuru Mirim, nº MI 610. Ano de 1980.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupi na Geografia Nacional**. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília – DF – INL, 1987.

SANTANA, Jucey. **Sinótese da História de Itapecuru Mirim**. Pesquisa histórica, autora: Jucey Santana. São Luís: AICLA, 2018.

SOUZA, Antônio Cândido. Informes. **Pacotilha, Maranhão**, n. ilegível na fonte. 14 mar. 1901. Do Itapecurú, p. 3. <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 22 out. de 2022.





Publicado em: 28.12.2023

O CURSO DE EXTENSÃO SEMIPRESENCIAL EM AGROECOLOGIA DE TINGIDOR: FORMAÇÃO DA JUVENTUDE EM COMUNIDADES RURAIS

Itaan Pastor Santos

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: itaanps@gmail.com

Edijanne Rocha Mendes

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: edijannemendes@yahoo.com.br

RESUMO

O curso de extensão semipresencial em agroecologia elaborado e executado pelo Núcleo de Extensão e Desenvolvimento, da Universidade Estadual do Maranhão, foi posto em prática na comunidade rural quilombola Tingidor, no município de Itapecuru Mirim, a partir da proposta de estruturação de um plano municipal de agroecologia que tem a participação de várias organizações de dentro e de fora do município. Mesmo sendo um curso já executado em outros municípios, em Tingidor estão sendo executadas novas experiências como o acompanhamento mais próximo dos professores e técnicos e a implantação de um campo comunitário agroecológico. Os resultados já são visíveis e incluem, em especial, a participação intensa da juventude e a formação de lideranças femininas.

Palavras-chave: Agroecologia; Juventude; Itapecuru Mirim; Tingidor.

THE SEMI-PRESENTIAL EXTENSION COURSE AGROECOLOGY OF TINGIDOR: FORMATION OF YOUTH IN RURAL COMMUNITIES

ABSTRACT

The blended extension course in agroecology designed and implemented by the Extension and Development Center of the State University of Maranhão was put into practice in the rural quilombola community Tingidor, in the municipality of Itapecuru Mirim, based on the proposal to structure a municipal plan of agroecology that has the participation of several organizations from inside and outside the municipality. Even though this course has already been carried out in other municipalities, in Tingidor new experiences are being carried out, such as closer monitoring of teachers and technicians and the implementation of an agroecological community field. The results are already visible and include, in particular, the intense participation of youth and the training of female leaders.

Keywords: Agroecology; Youth; Itapecuru Mirim; Tingidor.

1. INTRODUÇÃO

O território Vale do Itapecuru possui três escolas cuja metodologia é a pedagogia de alternância: Anajatuba, Cantanhede e Itapecuru Mirim. A escola de Itapecuru Mirim é no modelo Casa Familiar Rural (CFR), enquanto a de Anajatuba e a de Cantanhede são escolas no modelo Escola Família Agrícola (EFA). Ao longo das últimas duas décadas essas escolas sofreram todos os tipos de problemas relacionados a um modelo de pedagogia de alternância com responsabilidade compartilhada entre prefeituras de um mesmo território.

Esses dois modelos de escola, apesar de apresentarem uma metodologia de alternância, o que sugere semelhanças na proposta pedagógica, têm diferenças que as tornam únicas em cada localidade onde estão inseridas. As EFAs têm, na sua origem, como mantenedora no Brasil a igreja católica a partir das Comissões Eclesiais de Base (CEB) e teve sua primeira escola implantada no Brasil, no estado do Espírito Santo. A presença do pensamento de Paulo Freire na proposta metodológica torna as EFAs brasileiras diferentes de outros países. Depois de avançar por outros estados esse formato de escola chega ao Maranhão na década de 1970.

A CFR, que tem seu nome obtido da proposta original “Maison Familiale Rurale” (MFR), foi implantada com essa característica em 1984 no Paraná em 1984. Em 1998 as CFRs são integradas ao Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF) e, com a criação do Programa de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais (PRONAT) essas casas são implantadas nos diversos territórios brasileiros como forma de potencializar a educação do campo no Brasil.

A partir desse programa várias CFR's foram implantadas nos territórios rurais objetos desse programa. Na proposta pelo menos uma dessas casas deveria ser implantada em cada território. Cada uma dessas casas familiares rurais deveria ser implantada em um município estratégico e atender alunos desse e dos municípios do entorno. Uma dessas casas foi implantada em Itapecuru Mirim com objetivo de atender alunos dos municípios mais próximos como Presidente Vargas, Vargem Grande, Nina Rodrigues e Santa Rita.

A formação dos alunos nessa CFR tem gerado frutos muito profícuos. **Muitos dos alunos ali formados tem conseguido ultrapassar os conceitos tradicionais de viver** de uma produção agrícola cujas bases ecológicas estão muito fragilizadas, as bases sociais não vêm se perpetuando, pois há um grande índice de abandono por parte dos produtores, especialmente, dos mais velhos, e cujas bases econômicas não viabiliza a manutenção das famílias. É nesse sentido que a produção em bases agroecológicas consegue superar o modelo tradicional com grandes vantagens.

O percurso entre o final do ensino médio na casa familiar rural e a aplicação das técnicas agroecológicas nas suas respectivas comunidades pode ser mais ou menos longo. Independente do conhecimento adquirido há filigranas que se desenro-

lam nas atividades comunitárias e nas relações sociais em cada comunidade e em cada assentamento de reforma agrária que podem contribuir com a execução de projetos ou, ao contrário, podem impedi-los de serem postos em prática. Deve-se levar em consideração que as características dessas comunidades e assentamentos na atualidade tem várias semelhanças com a dinâmica das áreas urbanas e, por conseguinte, situações relacionadas ao processo de produção e consumo já não seguem os padrões anteriores de autossuficiência produtiva dependendo da compra de produtos para a garantia da segurança alimentar (REDIN, E.; SILVEIRA, P.R.C.; 2011).

A consequência dessa situação atual é que instalar um modelo de produção inclui não apenas romper com as atuais dinâmicas de produção e consumo existentes nas comunidades rurais e assentamentos de reforma agrária, mas, também, redefinir os próprios padrões ambientais e socioculturais que vêm sendo seguidos ao longo da existência desses territórios. Esse artigo faz uma análise inicial de como o conhecimento agroecológico e a relação criada entre um grupo de jovens oriundo da Casa Familiar Rural de Itapecuru Mirim e o processo de construção de um plano municipal de agroecologia podem ser responsáveis pela mudança de rumos de toda uma comunidade.

2. AS PROPOSTAS E OS CONCEITOS DO CURSO DE EXTENSÃO SEMIPRESENCIAL EM AGROECOLOGIA

Ao longo do ano 2022 um conjunto de reuniões permitiu que a prefeitura municipal de Itapecuru Mirim, por meio da Secretaria Municipal de Agricultura Familiar, Abastecimento, Indústria, Comércio, Pesca e Produção (SEAGRI), o Consórcio Intermunicipal Multimodal (CIM) e a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), através do Núcleo de Extensão e Desenvolvimento (LABEX) estabelecessem uma parceria que resultou na proposta de elaboração do Plano Municipal de Agroecologia de Itapecuru Mirim.

Para a execução desse plano um conjunto de providências foi posto em prática, incluindo a implantação de uma turma do curso de extensão semipresencial em agroecologia. Esse curso é promovido pelo LABEX desde 2018 com objetivo de qualificar jovens rurais das comunidades rurais e assentamentos de reforma agrária dos territórios que fazem parte das áreas de atuação do Núcleo. Ao considerar a necessidade de capacitar a juventude para a participação no processo de construção do plano de agroecologia as organizações coordenadoras acordaram que o espaço de execução deveria ser o microterritório do Tingidor.

O curso de extensão semipresencial em agroecologia foi estruturado pela equipe do LABEX a partir de uma demanda do Fórum Municipal de Juventude de São João Batista. O seu objetivo fundamental, desde então, é a formação de jovens em agroecologia, tendo, ainda, o objetivo secundário de proporcionar a condição de

agente de desenvolvimento comunitário para cada jovem formado. Para que a juventude rural alcance os espaços dos quais precisa para se desenvolver e possa garantir a sucessão rural há a necessidade de alcançar estágios para além de ações puramente agrícolas (CASTRO et. al, 2017).

A agroecologia cria todas essas possibilidades. Além de se estabelecer como um modelo de produção agrícola cuja referência é a sustentabilidade dos sistemas desenvolvidos (CAPORAL; COSTABEBER, 2004; GLIESSMAN, 2005) de modo que seja possível ultrapassar propostas tecnológicas que vem sendo implantadas a partir da lógica do lucro, ainda que a produção desorganize o ambiente e as relações sociais, a agroecologia, também, consegue recuperar ecossistemas e agroecossistemas em desequilíbrio, além de ser estratégica para manter os saberes tradicionais e garantir toda a estratégia cultural das comunidades tradicionais (KHATOUNIAN, 2001; ALTIERI, 2002).

Estabelecido para atender a juventude rural do Maranhão, o curso é apresentado como uma alternativa, em algumas situações a única alternativa, para a qualificação de jovens que não conseguem acessar um curso superior ou uma escola de nível médio com formação técnica. Para Santos e Gonçalves (2019) esse curso pode ser o diferencial para as juventudes rurais.

A proposta desse curso foi estabelecida em um modelo semipresencial. De acordo com o projeto do curso são doze disciplinas definidas a partir dos temas mais importantes relacionados à agricultura familiar do Maranhão. Cada um dos temas/disciplina é ministrado durante um mês em duas etapas consecutivas. Na primeira, a turma se reúne sob a responsabilidade de um monitor que apresenta um conjunto de videoaulas previamente gravadas sob a responsabilidade dos professores do LABEX. O monitor é um técnico do próprio município definido pela organização parceira que será responsável pela execução do curso. Durante a primeira etapa um técnico do Núcleo acompanhará o monitor fazendo um tipo de mediação com os alunos participantes. Na segunda parte de cada disciplina ocorre um conjunto de práticas desenvolvidas sob a responsabilidade do professor, contando com apoio de estudantes de graduação e pós-graduação, do monitor e de convidados que sejam conhecedores do tema.

O desenrolar das disciplinas cria dois contextos para os alunos. No primeiro, os conceitos de sustentabilidade devem superar as práticas agroquímicas estabelecidas a partir do modelo da revolução verde e que foram, ao longo do tempo, sendo incorporadas ao modelo tradicional potencializando os problemas que são comuns nesse modelo. Sendo assim, com novos ideais os jovens tornam-se capazes de reorientar as propostas técnicas relacionadas à agricultura. Seminários e dias de campo coordenados pelos alunos e equipe técnica do curso fomentam a proposta agroecológica, incluindo a recuperação de áreas degradadas por práticas agrícolas insustentáveis.

No segundo contexto os alunos passam a entender a transição de um modelo de produção não sustentável para um modelo que inclui, também, um desenvolvimento socioespacial apropriado às condições de cada comunidade. Os dois contextos são relacionados no trabalho de conclusão de curso que cada participantes desenvolve para ter direito à certificação ao final.

Seguindo os preceitos propostos por todos os pesquisadores da agroecologia, ao final do curso a formação proposta pelo curso de extensão semipresencial em agroecologia deve proporcionar aos alunos condições de reinventar os enfoques tradicionais existentes em outras bases (CAPORAL, 2009).

3. ITAPECURU MIRIM, TINGIDOR E O PROTAGONISMO JUVENIL NA AGRICULTURA

O município de Itapecuru Mirim teve sua autonomia política, quando foi elevada à categoria de cidade, em 21 de julho de 1870. Está inserido na mesorregião Norte Maranhense, na microrregião Itapecuru (Figura 1). Abrange uma área de 1.471 km², com uma população estimada (em 2021) de, aproximadamente, 69.233 habitantes (cidades.ibge.gov.br) e densidade demográfica de 47,06 habitantes/km². Uma condição importante que vem aumentando ao longo das últimas décadas é a urbanização que, no último censo, já ultrapassava os 65%; isso se dá, em grande causa, por ser Itapecuru Mirim o município polo da microrregião e do território Vale do Itapecuru. Limita-se ao Norte com os municípios Presidente Juscelino, Santa Rita e Anajatuba; ao Sul com os municípios Cantanhede e Miranda do Norte; a Leste com os municípios Vargem Grande e Presidente Vargas; e a Oeste com o município Anajatuba.

Em relação às condições ambientais o solo é considerado de profundo a medianamente profundo, moderadamente drenado, ácido, apresentando saturação com alumínio e fertilidade natural baixa. São solos pouco desenvolvidos, rasos, bastante suscetíveis a erosões, bem drenados e fortemente ácidos, apresentando deficiências de fósforo e com boas reservas de nutrientes. Sua localização o coloca em uma área de interseção entre vegetações do cerrado e da Amazônia apresentando exemplares de ambos os biomas. Permeando essas vegetações encontra-se uma floresta de cocais onde se destaca os babaçuais. O município é banhado pelo rio Itapecuru. Possui, também, açudes, barragens e riachos, dentre os quais destacam-se: Mocambo, Vila Nova, Riacho das Moças, do Leão, da Tapera, São José e os igarapés: Frecheirinha, da Mata, do Meio, do Leão e Vaca Branca.

De acordo com os dados do IBGE a taxa de escolarização do município na faixa etária de 6 a 14 anos (em 2010) era de 94,2%. O IDEB dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública (em 2021) estava em 4,3, número que era maior que o IDEB dos anos finais do ensino fundamental da rede pública (em 2021) que era de 4,0. Naquele ano as matrículas no ensino fundamental foram de 11.237, enquanto as matrículas do ensino médio, foram de 3.336.

Figura 1: Mapa de localização do município Itapecuru Mirim.



Fonte: Wikipedia (2023).

A extração vegetal concentra-se no açaí, babaçu, lenha e carvão vegetal e madeiras em toras. Os produtos agrícolas temporários são, principalmente, mandioca, arroz, milho e feijão. Dentre os produtos da agricultura permanente são encontrados banana, laranja e limão. Em relação à produção animal destacam-se a criação de aves (frangos de corte e galinhas poedeiras) e suínos).

Em relação ao setor industrial Itapecuru Mirim possui um polo ceramista com quase 40 indústrias que em anos anteriores foi responsável por parte da supressão vegetal que existia no território. O setor comercial e de serviços é o que mais emprega como acontece em grande parte dos municípios maranhenses e, mesmo que o

PIB per capita alcance o valor de R\$ 9.499,01 (IBGE, 2021) o percentual das receitas oriundas de fontes externas chega a 90,7% (IBGE, 2017).

Ainda que a população de Itapecuru Mirim já seja, predominantemente, urbana, não se pode deixar de perceber o quanto a população rural é importante. E, muito dessa importância, está relacionada com o grande número de comunidades quilombolas existentes no território do município. Na atualidade, de acordo com informações da SEAGRI, já são 78 comunidades reconhecidas oficialmente pelas diversas instâncias do estado brasileiro, incluindo a Fundação Palmares, o INCRA e a Secretaria de Estado de Igualdade Racial (SEIR). Algumas dessas comunidades são bastante reconhecidas no estado em função do seu histórico de lutas em prol do reconhecimento da condição quilombola e de todos os seus bens culturais como aconteceu com Felipa, Santa Rosa, Entroncamento e Santa Maria dos Pretos.

Uma dessas comunidades quilombolas é o povoado, Tingidor. Localizada em um setor do município que faz extremo com os municípios de Presidente Juscelino e Presidente Vargas, a uma distância de cerca de 30 quilômetros da sede municipal, acaba por estar no espaço onde, historicamente, houve menor apoio do poder público municipal, de modo que as organizações que atuam no município consideram que é o setor mais empobrecido da área rural.

De acordo com informações dos moradores o nome do povoado está relacionado a uma árvore que possuía uma substância capaz de tingir roupas e que era largamente usada pelos moradores locais. Mesmo que essa árvore seja desconhecida de parte da população mais jovem o nome é importante para que a população local se autorreconheça historicamente como parte de um grupo social específico.

Como centro de um setor conforme definição da prefeitura municipal, o Tingidor abriga, no microterritório que representa, quase trinta comunidades com área e número de moradores bem diverso. Dentro desse espaço geográfico há outras comunidades quilombolas e assentamentos de reforma agrária. A própria comunidade possui uma população de, aproximadamente, 140 famílias cuja demografia segue um padrão muito comum nas comunidades rurais do Maranhão. Esse padrão demonstra um número grande de crianças (em torno de 30%) de 0 a 14 anos que quase empata com a população adulta (em torno de 40%) de 30 a 65 anos), mas que é bem maior que a população juvenil (cerca 20%) que é identificada na faixa etária de 15 a 29 anos. A população de idosos (acima de 65 anos) é bem pequena comparativamente com os outros segmentos mostrando a baixa expectativa de vida dessa comunidade.

A juventude dessa comunidade está inserida em um contexto, também comum entre outras juventudes rurais do Maranhão. Trata-se de um fenômeno de migração em que os jovens saem da comunidade e buscam emprego em atividades prioritariamente ligadas ao agronegócio ou à construção civil, passam um tempo fora da comunidade e retornam depois com uma renda obtida da qual fazem uso em

prol da família ou da aquisição de bens pessoais. É a migração pendular que reduz a mão-de-obra nas atividades locais e tira desses jovens o poder de participação nas dinâmicas locais, e que acaba por mudar a lógica cultural da comunidade.

No meio desse emaranhado de problemas pessoais enfrentados pela população de Tingidor, alguns jovens que fizeram o ensino médio na Casa Familiar Rural de Itapecuru Mirim assumem o compromisso uns com outros e com suas famílias de desenvolverem atividades agropecuárias com objetivos que ultrapassam a autossustentação. A decisão coletiva desses jovens convenceu a equipe da SEAGRI a ponto de o apoio técnico ultrapassar a atividade produtiva e alcançar processos de comercialização e de organização. Em curto período os jovens já estavam comercializando e se organizando em uma cooperativa que pretende ser voltada, prioritariamente, para a juventude daquele microterritório.

O exemplo desse grupo de jovens, no entanto, encontrava duas grandes dificuldades. A primeira era o baixo nível tecnológico existente, o que colocava a atividade produtiva nos mesmos moldes de todas as outras atividades já executadas no povoado. A consequência dessa primeira problemática levou ao segundo problema que era a dificuldade de envolvimento de outros jovens no trabalho.

4. ACORDOS E DESACORDOS PARA A IMPLANTAÇÃO DE UM CURSO DE AGROECOLOGIA

É nesse estágio que o acordo para a elaboração e implantação de um plano municipal de agroecologia. A situação do grupo de jovens agricultores de Tingidor foi colocada na mesa para que a equipe de coordenação apresentasse alternativas de potencialização do trabalho. Entre as opções apresentadas estava a implantação de uma turma do curso de agroecologia organizado e ministrado pelo LABEX – Núcleo de Extensão e Desenvolvimento, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

As coordenações da SEAGRI, do CIM e do LABEX acordaram que o curso de agroecologia poderia resolver tanto a problemática do acesso à tecnologia quanto da participação. A defesa da equipe do LABEX é que a proposta agroecológica, pela inserção da sustentabilidade socioambiental nas suas bases, cria atrações estratégicas para a juventude que permite um grande envolvimento dos jovens em projetos diversos. Essa defesa foi suficiente para que a coordenação assumisse a execução do curso como uma etapa estratégica da implantação do plano.

A partir dessas discussões e decisões iniciais a equipe do LABEX elaborou uma proposta com estratégia metodológica e um cronograma de execução para apresentar às lideranças da comunidade e aos próprios jovens que poderiam se interessar em participar do curso. Em paralelo as equipes de coordenação, juntamente com os técnicos do LABEX, visitaram o povoado Tingidor e a respectiva área de produção do grupo de jovens para conhecer, entender e ter condições de opinar no processo de melhoria das

condições de produção, comercialização e organização. Mas, principalmente, conhecer os jovens, trocar impressões e inserir o grupo na elaboração do plano.

A produção de culturas alimentares que fazem parte da tradição alimentar de todas as famílias de Tingidor, do município de Itapecuru Mirim, e do Maranhão como um todo, estava, naturalmente, relacionada a um aspecto da cultura na alimentação (BRAGA, 2004). Nesse sentido, o que os jovens decidiram por cultivar incluía milho, mandioca e feijão no centro do sistema e algumas outras culturas de ciclo curto (quaiabo, melancia) na periferia do sistema. Todas essas culturas fazem parte do universo alimentar e poderiam ser aproveitadas no cardápio diário das famílias dos jovens, mas também estavam sendo trabalhadas para comercialização tanto nas próprias comunidades da área do Tingidor quanto nas feiras livres organizadas pela SEAGRI.

Essas primeiras conversas evoluíram para a construção coletiva da proposta do curso de extensão em agroecologia no Tingidor. Envolveram-se na elaboração todas as organizações que estavam à frente da formulação do plano, a direção da associação de moradores do Tingidor, e os jovens produtores. Depois de várias rodadas de conversas isoladas e algumas reuniões com todos os participantes, chegou-se a um acordo em relação à proposta que teria várias diferenças de outras turmas trabalhadas pelo LABEX.

O lançamento do curso foi feito na escola do povoado Alto da Esperança, que fica ao lado de Tingidor. Na oportunidade participaram todos os representantes das organizações, além do vice-prefeito do município. Quando do lançamento toda a programação foi estabelecida e discutida com os participantes que haviam se inscrito e selecionados pela coordenação. Dois técnicos foram indicados para a função de monitores, sendo um da SEAGRI e outro da Secretaria Municipal de Meio Ambiente. A diferença fundamental dessa turma de Tingidor definida pela coordenação do LABEX era a efetiva participação dos professores e técnicos em todas as etapas de todas as disciplinas, seja nas videoaulas, nas práticas e em atividades extracurriculares.

5. A IMPLANTAÇÃO DO CURSO E OS PRIMEIROS RESULTADOS

Após o lançamento do curso a primeira disciplina foi proposta para o mês de janeiro. A primeira decisão foi o dia da semana que os jovens preferiram a sexta-feira, dia incomum considerando que em todas as outras turmas as aulas se deram aos sábados. Nesse aspecto, como cada disciplina deveria acontecer em duas etapas (videoaulas e aulas práticas) o intervalo entre as aulas permaneceu de quinze dias.

Já nessa disciplina, a partir dos acordos institucionais e com os grupos locais foi preciso definir as atribuições de cada uma das organizações participantes. Entre outros itens era preciso definir o local onde a videoaula deveria acontecer, como seria organizado o espaço, quais equipamentos deveriam ser utilizados e quem ficaria responsável. O local definido foi a creche do povoado Tingidor que os jovens nego-

ciaram com a direção da associação. E os equipamentos necessários (*notebook, data show*, caixa de som) ficaram sob a responsabilidade da secretaria de agricultura.

Nessa primeira videoaula o professor da disciplina esteve presente acompanhando as apresentações, somando-se com os monitores. Juntamente com o professor estiveram uma aluna bolsista e uma pedagoga recém-formada que tornaram a aula bem dinâmica. A aula durou toda a manhã e contou com a efetiva participação dos alunos em todas as videoaulas apresentadas. Essa participação de professores e alunos foi uma novidade no curso, pois nas outras turmas apenas os monitores acompanhavam as videoaulas. Análises da coordenação e dos técnicos do LABEX identificaram que a presença do professor da disciplina pode ser estratégica para tornar o conhecimento mais adequado às necessidades dos alunos. Os resultados positivos desse modelo de videoaula passaram a ser repetido nas duas disciplinas seguintes, sempre com a participação do professor da disciplina ou com algum técnico do LABEX com conhecimento aprofundado na disciplina.

Também na aula prática a coordenação do LABEX decidiu pela participação do professor da disciplina ou de algum técnico especialista para a condução das atividades. Nesse tipo de aula o tempo é maior, pois há a necessidade de participação direta no processo de execução e, sendo assim, a aula durou toda a manhã e grande parte da tarde. Os orientadores nessa atividade prática incluíram, além do professor, um técnico da equipe e duas alunas. Os alunos foram divididos em grupos sendo que cada grupo pode executar a prática prevista. Na aula prática foi possível perceber que o conhecimento teórico adquirido nas videoaulas teve uma importância estratégica para que os alunos passassem a dominar o conteúdo desenvolvido.

No intervalo entre as videoaulas e as práticas havia uma indicação para que os alunos pudessem desenvolver atividades técnicas junto às suas famílias como tarefas para casa. Essas atividades eram previstas no final das videoaulas e estavam no corpo do texto da apostila que era encaminhada para cada um dos alunos. Nessa turma de Tingidor os alunos receberam o apoio dos monitores que visitavam a comunidade e reuniam para tirar dúvidas, dar novas explicações e organizar as atividades práticas. Para os alunos essa etapa passou a ser fundamental, pois acontece exatamente quando as dúvidas se instalam após as videoaulas.

Após as três primeiras disciplinas já é possível perceber resultados efetivos do funcionamento do curso. Junto com técnicos de todas as instituições foi possível perceber os seguintes pontos.

O primeiro foi a construção de um campo agrícola agroecológico que está sendo construído pelos próprios alunos do curso sob a supervisão dos professores e técnicos do LABEX, juntamente com os monitores e com os técnicos da secretaria de agricultura. O projeto agroecológico é importante na medida em que será o espaço de testes e execução de todas as atividades no povoado.

O segundo é participação dos alunos. Desde que esse curso foi instalado pela primeira vez o número de alunos aumentou entre o período da matrícula (cujo número era de 35 alunos) e o final da terceira disciplina (que era de 45 alunos). Esse aumento está relacionado à importância que o curso está tendo para os alunos participantes que socializam as informações de forma positiva estimulando a participação de amigos e vizinhos. Essa participação tem tido tanta importância que os adultos já consideram a possibilidade de transformação dos sistemas produtivos locais a partir dos novos sistemas desenvolvidos pelos jovens.

O terceiro é a participação feminina e a liderança exercida em todas as atividades. É importante estabelecer como referência que todo o grupo inicial do projeto produtivo na comunidade era composto por jovens do sexo masculino. Ao longo dessas primeiras disciplinas muitas mulheres passaram a se destacar, considerando a sensibilidade feminina sobre a lógica da agroecologia quando comparada com a lógica masculina. A liderança das mulheres já passa a extrapolar o próprio curso assumindo papel de liderança na comunidade como um todo.

6. O QUE VEM A SEGUIR

Na medida que o curso se desenrola no povoado Tingidor e o plano municipal de agroecologia vai sendo construído um grupo de jovens vai sendo capacitado para que as propostas agroecológicas consigam ter condições de serem postas em prática. Essas propostas devem levar em consideração não apenas o diagnóstico elaborado, mas também a experiência desenvolvida pelos alunos da comunidade.

O curso de agroecologia estimula o levantamento de informações nas áreas dos alunos e em áreas de outros moradores criando um grande banco de dados das atividades agropecuárias e das condições socioambientais. Um conjunto de atividades utilizando essas informações está previsto para ser posto em prática nos próximos meses, incluindo seminários, treinamentos e dias de campo com participação da comunidade, mas sob a responsabilidade dos jovens.

REFERÊNCIAS

- BEGNAMI, João Batista. Uma geografia da Pedagogia da Alternância no Brasil. a experiência das Casas Familiares Rurais. Brasília: UNEFAB, 2002. (Documentos Pedagógicos).
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BRAGA, Vívian. Cultura alimentar: contribuições da antropologia da alimentação. SAÚDE REV., Piracicaba, 6 (13): 37-44, 2004
- CALDART, Roseli Salette. Escolas do Campo e Agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida! Porto Alegre, fev. 2016.

CALVÓ, Pedro Puig. Introdução: Centros familiares de formação em alternância. In: *Pedagogia da Alternância e desenvolvimento*. Brasília: União Nacional das Escolas Famílias do Brasil, 1999.

CAPORAL Francisco Roberto. *Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis*. / – Brasília: 2009. 30 p.;

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. 24p. Brasília: MDA /SAF /DATER – IICA, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. *Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável*. Brasília/DF: MDA/SAF/DATER/IICA, 2004. 166p.

CASTRO, E. G. de; FERREIRA, A. T.; SERRADOURADA, R. N.; 3 CARVALHO, E. de. *A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável*. Organizadores: Regina Helena Rosa Sambuichi ... [et al.]. Brasília: Ipea, 2017.

CASTRO, E. G. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria juventude rural**. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 3ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 653p.

MEDEIROS, Fabrício Sanches et al. *A juventude em luta: a experiência de ser e construir um grupo de agroecologia*. *Revista Brasileira de Agroecologia*, [S.l.], v. 13, n. 1, jul. 2018

PEREIRA, Tainan dos Santos. **Análise ecológica e socioeconômica participativa da área coletiva de sistemas agroflorestais dentro da transição agroecológica do PA Cristina Alves**, Itapecuru-Mirim – Maranhão / Tainan dos Santos Pereira. – São Luís, 2019.

SANTOS, Itaan de Jesus Pastor. **Projeto Juventude, Agroecologia e Políticas Públicas nos Territórios Rurais Maranhenses**. UEMA, 2019.

SANTOS, I.J.P; GONÇALVES, R.C. *Curso de Extensão Semipresencial em Agroecologia: Inclusão Cidadã de Jovens do Campo pela Educação a Distância nos Territórios Maranhenses*. *EaD em Foco*, V9, e752. 2019.

SOUZA, Valdeir Alves de. **Agroecologia, juventude e permanência no campo: Uma relação possível?** Dissertação de Mestrado; Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.



Publicado em: 28.12.2023

CONSTRUINDO UM E-BOOK: PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LIVRO MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE TCC DO CURSO DE LETRAS DA UEMA

Maurício Silva

Universidade Estadual do Maranhão - Itapecuru Mirim-MA, Brasil
E-mail: mauriciosilva2342@gmail.com

Mateus Lopes Nascimento

Universidade Estadual do Maranhão - Itapecuru Mirim-MA, Brasil
E-mail: mateuslopesm82@gmail.com

Claudiene Diniz da Silva

Universidade Estadual do Maranhão - Itapecuru Mirim-MA, Brasil
E-mail: claudiennediniz@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o processo de elaboração do *e-book Manual para elaboração de TCC do Curso de Letras da UEMA*. Tal estudo se mostra necessário pois ressalta a importância do livro digital como um recurso mais acessível na divulgação de conhecimento. Para desenvolver esta pesquisa, recorreremos principalmente ao *Regimento dos cursos de graduação da UEMA* (2019) e a componentes curriculares que tratam sobre o surgimento e modos de produção de um e-book. No decorrer do trabalho, faremos uso de conceitos como letramento acadêmico, multissêmico e hipertextualidade. A nossa metodologia resulta em uma pesquisa de caráter qualitativo, ou seja, é baseada na interpretação de uma experiência. Nossos dados mostram as etapas de produção do já citado *e-book*, detalhando a importância de cada uma dessas fases e os cuidados necessários durante o processo de criação desse tipo de material. Diante o exposto, podemos afirmar a relevância das ferramentas digitais na produção e divulgação do conhecimento acadêmico.

Palavras-chave: E-book; Trabalho de conclusão de curso; Letras.

BUILDING AN E-BOOK: PROCESS OF ELABORATION OF THE MANUAL BOOK FOR THE PREPARATION OF TCC OF THE COURSE OF LANGUAGES AT UEMA

ABSTRACT

This work aims to present the elaboration process of the e-book Manual for the elaboration of the conclusion work of the undergraduate course: guidelines for the students of the course of letters of the State University of Maranhão, Itapecuru Mirim campus. This study is necessary because it highlights the importance of the digital book as a more accessible resource for the dissemination of knowledge. To develop this research, we resorted mainly to the Rules of UEMA's undergraduate courses (2019) and to materials that deal with the emergence and modes of production of an e-book.

Throughout the work, we will make use of concepts such as academic literacy, multi-semiosis, and hypertextuality. Our methodology results in a qualitative research, that is, it is based on the interpretation of an experience. Our data shows the production stages of the aforementioned e-book, detailing the importance of each of these stages and the care required during the process of creating this type of material. In view of the above, we can affirm the relevance of digital tools in the production and dissemination of academic knowledge.

Keywords: *E-book; End of course work; Languages.*

1. INTRODUÇÃO

O livro vem sendo utilizado como um dos mais importantes meios para a comunicação escrita entre diversas sociedades há séculos. Ele é fruto do desenvolvimento da escrita, aprimorado pelas técnicas de produção desse recurso. Por meio dele dele, é possível repassarmos conhecimentos às pessoas e às futuras gerações, não estando mais restritos à tradição oral.

Com o surgimento da internet e, conseqüentemente, das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), surgiu uma nova forma de produzir livros. Segundo estudiosos do assunto, o livro digital ou *e-book*, vem adquirindo grande notoriedade e se apresentando como um forte produto comercial. Desse modo, esse acontecimento pioneiro foi responsável pelo primeiro passo em direção à utilização dos recursos tecnológicos para criação, disseminação e leitura de livros em formato digital.

O *e-book* é um recurso valioso para divulgação do conhecimento e, neste caso, para a difusão de normas para elaboração de trabalhos acadêmicos, que possuem um caráter científico. A partir disso, o presente artigo tem por objetivo apresentar o processo de elaboração do *e-book Manual para elaboração de TCC do Curso de Letras da UEMA*, no qual, há orientações para a elaboração de trabalho de conclusão de curso aceitos pela Instituição de Ensino Superior (IES) já citada, com a finalidade de auxiliar os alunos de graduação e seus orientadores na reta final do curso.

Este artigo é composto por cinco seções: na primeira, será exibido, de forma breve, sobre a evolução histórica do livro e as mudanças que esta trouxe para a forma como o conhecimento é produzido, disseminado e acessado; na segunda, tratar-se-á sobre o surgimento do *e-book*, enfatizando, especialmente, seus pontos positivos, como sua funcionalidade, facilidade de acesso e transporte e ampliação do alcance da produção literária; na terceira seção, será discorrido sobre as normas técnicas para a produção de trabalhos acadêmicos e formas de divulgar esse conhecimento científico; na quarta seção, será apresentada a metodologia, na qual consta as técnicas e procedimentos utilizados para coletar e analisar os dados desta pesquisa; e, na quinta seção, a análise de dados, onde será apresentado, entre outros pontos, a expe-

riência, etapas e dificuldades de produzir um *e-book* voltado a divulgação de normas para a produção do trabalho de conclusão de curso.

2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO LIVRO

A comunicação escrita é utilizada por grande parte das pessoas há milhares de anos. A historiografia diz que a escrita mais antiga surgiu na Mesopotâmia. Ela foi inventada pelos sumérios e é conhecida como cuneiforme. Rosa (2012, p.56) diz que

A invenção [da escrita], pelos sumérios, no terceiro milênio, surgiu da necessidade de atender aos crescentes requisitos de uma sociedade mais complexa, como as atividades comerciais e ordenanças reais, que não podiam continuar dependendo da transmissão oral, da memória, para a troca de dados e informações.

Dessa forma, a escrita surgiu para atender necessidades das pessoas naquele momento histórico, como as trocas comerciais. Sobre a importância da escrita, Miranda e Sousa (2013, p.141), dizem que

De todos os elementos que contém e transmitem conhecimento, um tem especial significação na formação do homem, a escrita. A escrita é um método de comunicação criado pelo homem após a aquisição da linguagem e foi determinante para a evolução do planeta, marcando o fim da pré-história.

Assim, com o passar dos séculos, a comunicação escrita foi ocupando cada vez mais espaço em diversas sociedades, tornando-se um importante meio para a transmissão do conhecimento entre as gerações.

Há séculos, o livro tem sido utilizado como importante recurso para essa transmissão do conhecimento por meio da comunicação escrita. Virginio e Nicolau (2012, p.2) afirmam que “desde o surgimento da máquina de prensar criada pelo alemão Johannes Gutenberg, no século XV, o livro passou a ser um importante produto comercial e de difusão de informações e conhecimentos durante todos estes séculos”. Desse modo, essa invenção foi de suma importância para a história do livro, sendo reconhecida pelo importante passo para o avanço da produção em massa desse recurso e conseqüente popularização do conhecimento.

3. O SURGIMENTO DO E-BOOK E SUA FUNCIONALIDADE

Com o transcorrer dos séculos, assim como as tecnologias eram desenvolvidas nas mais diferentes áreas, as técnicas utilizadas para a produção de livros também se modificaram. Um marco importante é a elaboração de uma máquina chamada Mémex (*Memory Extension*), no final da primeira metade do século XX.

Segundo Procópio (2010, p. 23),

Em julho de 1945, no início da Guerra Fria, o Dr. Vannevar Bush [1890–1974], então Diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento Científico dos EUA, escreveu um artigo para o periódico *The Atlantic Monthly*, intitulado

lado “*As We May Think*”. Neste artigo, além de descrever experiências junto a sua equipe de cientistas, empenhada no desenvolvimento de novas tecnologias paramilitares, o Dr. Vannevar Bush idealizou o que seria o primeiro protótipo de uma máquina de leitura, cujo conceito é muito próximo ao *e-reader* de hoje, o qual ele apelidou de MEMEX [...].

Assim, os primeiros passos para a elaboração de um livro eletrônico são dados, pois Vannevar Bush “acreditava que o crescimento do volume de pesquisas e, conseqüentemente, o acúmulo de conhecimento humano, deveria estar acessível [...]” (REIS; ROZADOS, 2016, p.5). Contudo, o projeto não chegou a ser construído, mas o caráter visionário em criar uma biblioteca que fosse universal, podendo armazenar uma grande quantidade de livros foi importante para motivar outros projetos do tipo (REIS; ROZADOS, 2016, p.5).

Os livros eletrônicos surgem, de fato, na década de 70. Segundo Reis e Rozados (2016, p.7),

Em 1971, Michael Hart – considerado o criador do livro eletrônico – deu os primeiros passos para que a ideia do livro eletrônico se tornasse realidade. Ele digitou a Declaração de Independência dos Estados Unidos, primeiro documento da história da humanidade a se tornar um documento eletrônico.

Surge, então, o livro eletrônico, livro digital ou *e-book* (abreviação de *electronic book*). Vale ressaltar que não é consenso entre os especialistas um conceito para defini-lo, nem uma definição oficial de instituições tidas como autoridades sobre o tema, embora o termo esteja sempre associado a um livro em formato digital (REIS; ROZADOS, 2016).

Segundo Procópio (2010, p.27), essa

[...] tecnologia tem múltiplas funcionalidades que permitem, entre outras tarefas, o acesso instantâneo a milhares de documentos digitais, e vem de encontro às ideias de muitos escritores e editores, de fazer seus textos chegarem a um número máximo de leitores.

Além disso, o *e-reader*, ou leitor de livros digitais, possuiu várias vantagens como o acesso a diversos títulos, pesquisa rápida, ajuste de luminosidade, a criação de uma biblioteca pessoal, economia de papel, ajuste de tamanho e tipo de fonte, não está sujeito a danificação por agentes biológicos, facilidade na aquisição, além de grande capacidade de armazenamento (REIS, ROZADOS, 2016, p. 3, apud PROCÓPIO, 2010, p. 26-27).

Logo, são diversas as funcionalidades *do e-book*, além dos seus benefícios. Reconhecemos suas fragilidades, tais como a distração proveniente das inúmeras funcionalidades do aparelho eletrônico em que se consome a obra, mas, ainda assim, é um formato de livro que se encaixa bem às demandas contemporâneas. A seguir, apresentaremos uma utilização específica *do e-book*.

4 NORMAS TÉCNICAS DE TRABALHOS ACADÊMICOS E FORMAS DE SUA DIVULGAÇÃO

A normalização de trabalhos acadêmicos é importante, pois

O crescente desenvolvimento da informação e os avanços tecnológicos, que oferecem suportes diversos para o registro e veiculação do conhecimento geram a necessidade de padronização de normas para melhoria da qualidade dos trabalhos (UEMA, 2019, p. 9).

Essa normalização, no Brasil, segue as instruções dadas pelas normas atuais da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que é o órgão responsável por regular os padrões de divulgação científica seguindo o que recomenda a Organização Internacional de Normalização (ISO).

Além disso, é importante que haja essa normalização, pois incide sobre alguns princípios, como “[...] garantir a veracidade e segurança das informações; facilitar a circulação de informações (dados) em diversas fontes de informação (primárias, secundárias ou terciárias); e evitar a duplicidade de fontes”. (MELO et al; 2012, p. 3). Desse modo, a normalização visa garantir a confiabilidade da pesquisa científica e facilitar a sua divulgação.

O TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) é um tipo de trabalho acadêmico “[...] apresentado como forma de avaliação no término do curso de graduação, elaborado sob a coordenação de um orientador [...]” (UEMA, 2019, p.10). O TCC objetiva levar o aluno à reflexão sobre temas de seu interesse acadêmico para depois transmitir as ideias obtidas dessa reflexão para o papel, sem perder a objetividade e seriedade da pesquisa científica (SILVA et al., 2010, p. 17).

A utilização de *e-books* para a divulgação da normalização de trabalhos na Universidade é importante, pois facilita a disseminação dessas normas técnicas entre a comunidade acadêmica, devido à facilidade trazida pelo livro eletrônico, tornando-o acessível através de computadores, *tablets*, *smartphones*, dentre outros aparelhos tecnológicos.

5 METODOLOGIA

A construção do presente artigo é pautada na experiência provinda da produção de um e-book voltado para graduandos dos últimos períodos do curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus de Itapecuru Mirim, e seus respectivos orientadores, produzido entre os dias 6 de outubro e 10 de novembro de 2022. Assim, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, ou seja, “envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção [...] que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos” (DENZIN, LINCOLN. Et al. 2006)

Para a elaboração do *e-book*, recorreu-se à pesquisa bibliográfica, “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002), e utilizou-se da leitura analítica, a qual tem por finalidade “ordenar e sumariar as informações contidas nas fontes” (GIL, 2002). A elaboração desse material foi direcionada pelos seguintes materiais teóricos: o *Regimento dos cursos de graduação da UEMA* (2019) e o *Manual de trabalhos de Conclusão de curso – TCC: orientações para estudantes do curso de Ciências Biológicas licenciatura do CESC/ UEMA*, organizado por Câmara et. Al (2022). Contou também com materiais que serviram de base visual para montar o seu design gráfico, além de modelos disponibilizados pelo próprio aplicativo mencionado acima.

Após a produção desse material, realizou-se a identificação das principais dificuldades na sua elaboração, desde a coleta de dados até o processo de construção no aplicativo *Canva*. Para melhor versar sobre esse processo de produção, recorreu-se ao *Regimento dos cursos de graduação da UEMA* (2019), o qual serviu como base teórica na produção do nosso livro, e a materiais que tratam sobre o surgimento e modos de produção de um *e-book* para entender seus aspectos. Fazendo uso do fichamento de citação para destacar os principais pontos dos materiais selecionados a fim de fundamentar este trabalho.

No decorrer da pesquisa foram feitas reuniões periódicas, utilização da rede social *WhatsApp* como principal meio de comunicação para discutir sobre o andamento da pesquisa e delimitar os processos a serem feitos.

Por fim, vale ressaltar que nossa análise apresentará as estratégias, dificuldades e etapas para a produção de um *e-book* com base nas experiências obtidas, apresentando também os motivos que levaram a escolha do aplicativo *Canva* para montagem do material.

6 ANÁLISE DE DADOS

6.1 LEITURA E COLETA DE MATERIAL: MARCO INICIAL DA PRODUÇÃO DO E-BOOK

Assim como em toda pesquisa científica, o processo de produção do nosso *e-book* iniciou a partir da pesquisa bibliográfica, ou seja, buscamos em obras já disponíveis, principalmente em formato digital, os dados para fundamentar a nossa produção.

Como bem explicado por Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas

com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Assim sendo, após a escolha e delimitação do tema a ser tratado em nosso livro, sendo este pensado em sua relevância para o nosso público alvo, iniciamos o processo de leitura e seleção dos materiais para fornecer as informações necessárias para compô-lo.

Vale ressaltar que é indiscutível o fato de a produção de um material voltado a um público imerso no meio acadêmico necessitar de um rigor presente em todas as fases do seu desenvolvimento. Cuidado esse fundamental para fornecer informações verazes e essenciais para o progresso universitário dos graduandos, aprimorando assim o seu **letramento acadêmico**, isto é, a “fluência em formas particulares de pensar, ser, fazer, ler e escrever, muitas das quais são peculiares a um contexto social” (FISCHER, 2008, p.180), e, como bem acrescentado por Souza (2012), “um processo de desenvolvimento de práticas e comportamentos sociais que interagem continuamente com a escrita” (SOUZA, 2012, p. 159).

Com base no pensamento estabelecido acima, voltamo-nos aos materiais que serviram de fonte para coletar as informações que queríamos que fossem apresentadas no *e-book*, recorrendo a dois, de modo especial: o *Manual de trabalho de conclusão de curso – TCC: orientações para estudantes do curso de Ciências Biológicas Licenciatura do CESC/ UEMA (2022)* e o *Regimento dos cursos de graduação da UEMA (2019)*.

Como pode ser observado, o primeiro texto apresentado é voltado especificamente ao curso de Ciências Biológicas, a partir dele, foi iniciado um processo de seleção de informações que se estendiam ao público pertencente ao curso específico ao qual queríamos atingir com a nossa produção, o de Letras ofertado pela UEMA. Assim, intercalando entre os dois materiais já citados, coletamos as informações necessárias para compor a nossa produção.

A principal dificuldade no processo de leitura e análise dos textos escolhidos para organizar o conteúdo e redigir a nossa produção se deu no fato dessa etapa exigir muita atenção e cuidado para não fugir da nossa finalidade, isso é, apresentar um material que realmente atendesse a necessidade do nosso futuro leitor.

6.2 A UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DIGITAIS: PORQUE A OPÇÃO PELO CANVA

Em páginas da *internet* e lojas de aplicativos virtuais, como o caso da *Play Store*, há disponíveis uma série de ferramentas digitais de *design* gráfico que, entre inúmeras finalidades, podem ser utilizadas também na produção de livros digitais, no caso, o foco do nosso trabalho. Entre a gama de possibilidades a qual tivemos acesso, o *Canva* tornou-se alvo de nossa escolha, sendo utilizado em todas as etapas de produção que se segue após a leitura e coleta do material teórico.

Como mencionado no parágrafo anterior, o *Canva* é uma ferramenta digital de *design* gráficos que oferece uma abundância de possibilidades na produção de pôsteres, infográficos, apresentações, entre outros tipos de conteúdo visuais. Como ponderado no site Pluga (2022), ele foi desenvolvido com a finalidade de “criar e editar uma série de artes gráficas a partir de *templates* prontos: *posts* para redes sociais, apresentações, logotipos, cartazes e até mesmo vídeos, dentre tantas outras opções. Fontes e imagens também são disponibilizadas para as criações” (PLUGA, 2022).

Além da oportunidade de escolher entre milhares de *design* prontos disponibilizados pela plataforma (de forma grátis e paga, aderindo ao pacote *premium*), quem faz uso dessa ferramenta tem a possibilidade de criar o seu próprio *design* ou adaptar os disponibilizados por meio dos recursos ofertados.

Vale ainda destacar que a facilidade na sua utilização é outro ponto que contou muito para sua escolha, fator esse que não torna o aplicativo restrito apenas aos *designers* experientes, sendo facilmente utilizado por amadores, certo de que com algumas limitações. Além do que, a existência de uma versão gratuita, como já ponderado, deixa essa ferramenta ainda mais atrativa.

6.3 CONSTRUINDO O E-BOOK: PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DESIGN

Como já mencionado, todas as etapas de produção seguintes à seleção do material teórico que fundamentou nosso livro foram produzidas por meio da ferramenta *Canva*. Estágios essenciais como a elaboração do *design*, escolhas das cores, figuras utilizadas, tamanho e modelo das letras, entre outros fatores, foram pontos bem pensados antes de se materializarem por meio do aplicativo em questão e, mesmo após um resultado, passarem por novos processos de adaptação até chegar em um resultado satisfatório.

Na construção identitária do nosso livro digital, diversas questões foram discutidas a fim de chegarmos a um material que de fato exalasse o sentido desejado e que, de certa forma, representasse o nosso público-alvo: graduandos dos últimos períodos e seus respectivos orientadores, sendo esses do curso de Letras da UEMA.

Para tanto precisamos explorar a **multissemiiose**, ou seja, um conglomerado de signos/ linguagens a fim de levar maior significância ao conjunto do livro. De acordo com Vieira (2012),

Em uma sociedade do conhecimento, em que há uma multiplicidade de informações disponíveis aos leitores, os textos multissemióticos permitem representar imageticamente uma informação, de modo que esse leitor tenha, além do texto verbal, recursos visuais que o auxiliarão na leitura e compreensão do conteúdo em questão. Assim, as imagens, as cores, os tipos de letras também são portadores de sentido e precisam ser lidos e interpretados; trazem informações que precisam de ser inferidas (VIEIRA, 2012, p.2).

Mediante isso, o processo de *desing* do *e-book* passou por um ponto muito importante nas primeiras etapas da criação: a escolha das cores para darem vida ao nosso trabalho, não o deixando restrito apenas ao mundo preto e branco. Muitos podem pensar que essa etapa não passa de algo banal, afinal poderíamos usar qualquer cor, optando até por combinações vibrantes, mas, como dito anteriormente, objetivamos proporcionar um sentido desejado nos mínimos detalhes.

Assim sendo, pensamos em utilizar as principais cores que colorem a logo da UEMA: verde e amarelo; afinal, o público que desejamos atingir faz parte desta instituição. Mas, essa escolha se mostrou muito abrangente, o que nos levou a optar por algo mais específico, uma cor que representasse os graduandos do curso de forma mais íntima, o que é o caso da cor lilás que, além de simbolizar o curso de letras, abrange também os cursos de Teologia e Pedagogia. Nessa perspectiva, o nosso livro foi avivado com variações desse tom.

Paralelo a escolha da cor, trabalhamos a programação visual do *e-book*, ou seja, o modelo da capa, sumário, das páginas que conteriam a marcação do início de um capítulo e das que teriam apenas informações disponibilizadas mediante os tópicos etc. Para isso, buscamos inicialmente *templates* disponíveis no próprio *Canva*, porém, mesmo entre tantas opções, resolvemos criar um design “único”, recorrendo a modelos de livros impressos e digitais existente além de vídeos explicativos na *internet* que mostravam modelos de produções gráficas, assim, através da adaptação e junção do que achamos interessante, demos forma ao nosso trabalho.

Após a criação do *design*, o livro ficou pronto para receber as informações que já haviam sido coletadas nas devidas fontes, sendo elas selecionadas cuidadosamente mediante sua relevância e credibilidade. Mesmo o livro digital não tendo critérios específicos para formatação do seu texto, não poderíamos fugir do padrão acadêmico e formular um material sem a devida organização necessária. Assim, foi definido um padrão na fonte a ser utilizada (Times New Roman), o tamanho da fonte dos títulos, dos tópicos e do texto em si e em quais situações se faria o uso do negrito ou itálico. Dessa forma, a nossa produção manteve um caráter mais científico.

Por fim, vale ressaltar que, além de multissemiótico, nosso *e-book* adquiriu também um caráter **hipertextual**, ou seja, os leitores têm a possibilidade de “moverem-se, rápida e facilmente, de uma seção de texto (...) para outras seções relacionadas ao texto” (JOHNSON- EILOLA, 1994, p. 197). Assim, por meio dos *links* que dão acesso ao *Manual de Normalização da UEMA*; ao *Regimento da UEMA*; e aos modelos de estrutura do Projeto de Pesquisa, de Monografia e de artigo, disponibilizados em nosso livro digital, ampliamos o acesso à informação do nosso público-alvo.

7 CONCLUSÃO

O *e-book*, conforme evidenciou-se, é um importante recurso para a comunicação escrita na sociedade em que vivemos, pois através dele podemos transmitir conhecimento de uma forma mais ampla. E que, por meio de ferramentas digitais existentes, um usuário de *internet* pode produzir um livro eletrônico sobre os mais variados assuntos, utilizando os inúmeros recursos disponíveis de forma gratuita ou paga.

Vale ressaltar mais uma vez que a produção do e-book *Manual para a normalização de trabalho de conclusão de curso de graduação* foi um projeto pensado para atender um público interessado no tema, apresentando a eles um material produzido e divulgado a partir da utilização das tecnologias comuns na sociedade. Além disso, a construção desse material foi feita de forma planejada e seguindo o rigor acadêmico exigido para que um trabalho tenha seriedade.

Por fim, é importante frisar que mesmo optando por uma ferramenta digital de fácil utilização como o *Canva*, a produção de um *e-book* não é um processo simples, pois, é sempre um desafio fazer uso de variados recursos para tornar o material atrativo para os leitores, visando uma comunicação escrita mais interativa. Contudo, essa experiência se formulou bem satisfatória.

REFERÊNCIAS

COMO usar o Canva: passo a passo para criar peças profissionais. **Pluga**, 2022. Disponível em: <https://pluga.co/blog/como-usar-canva/>. Acesso em: 23 de nov. 2022.

DENZI, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S.; e Colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa:**

teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FISCHER, A. **Letramento Acadêmico:** uma perspectiva portuguesa. In: Revista Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá, v.30, n.2, pp. 177-187, jul./dez., 2008.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, SP: Atlas, 2002.

JOHNSON-EILOLA, Johndan. Reading and Writing in Hypertext: Vertigo and Euphoria. In: SELFE, Cynthia L. & Susan HILLIGOSS. (eds). 1994, pp. 195-219, 1994.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 28 out. 2022.

MELO, Ana Cristina Azevedo Ursulino *et al.* A normalização de trabalhos acadêmicos na Universidade Federal do Ceará. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTE-

CAS UNIVERSITÁRIAS, 17.,2012, Gramado. **Anais eletrônicos** [...]. Gramado: UFRGS, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/10315>. Acesso em: 28 out. 2022.

MIRANDA, Márcio Batista de; SOUSA, Richard Perassi Luiz de. O ebook como mídia do conhecimento. In: VI SEMINÁRIO LEITURA DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO: MÚLTIPLAS MÍDIAS, p. 139-150, 2013, Florianópolis. **Anais**. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/5932/Artigo12_15505120525828_5932.pdf. Acesso em: 21 out. 2022.

MOTA JUNIOR, Julio Corcino Rodrigues. Recursos educacionais abertos: a construção de um ebook. In: CIET:EnPED:2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância), São Carlos, ago. 2020. **Anais**. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1854>. Acesso em: 21 out. 2022.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital**. São Paulo: Giz Editorial, 2010. Disponível em: https://www.edneiprocopio.com.br/wp-content/uploads/2022/04/O_Livro_na_Era_Digital.pdf. Acesso em: 21 out. 2022.

REIS, Juliani Menezes dos Reis; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. In: XIX SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (XIX SNBU), Manaus, 2016. **Anais...** Manaus, Brasil Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151235/001009111.pdf> Acesso em: 21 out. 2022.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência: da antiguidade ao renascimento científico**. 2. ed. Brasília: Funag, 2012. v. 1. Disponível em: https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-887-historia_da_ciencia_volume_i_da_antiguidade_ao_renascimento_cientifico. Acesso em: 03 no. 2022.

ROVER, Ardinete; MELLO, Regina Oneda. **Normas da ABNT: orientações para a produção científica**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2020. Disponível em: https://www.unoesc.edu.br/images/uploads/editora/Normas_da_ABNT_-_Miolo_-_2020.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

SILVA, Everaldo da et al. **Metodologia do trabalho acadêmico**. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Juruá, 2010.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Sistema Integrado de Bibliotecas da UEMA. **Manual para normalização de trabalhos acadêmicos**. – 3. ed. rev. atual. e ampl. – São Luís: EDUEMA, 2019.

SOUZA, Clinio Jorge de. LETRAMENTO ACADÊMICO. 2012.

VIEIRA, Mauricéia Silva de Paula. A leitura de textos multissemióticos: novos desafios para velhos problemas. **Anais do SIELP**, v. 2, n. 1, p. 1-8, 2012.

VIRGINIO, Rennam; NICOLAU, Marcos. Livro digital: percalços e artimanhas de um mercado em reconfiguração. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 14, 2012. Recife, PE. **Anais**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0794-1.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.



Publicado em: 28.12.2023

CONHECIMENTOS LINGÜÍSTICOS DE CONCLUDENTES DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO: UM ESTUDO COM DISCENTES DO CAMPUS DE ITAPECURU MIRIM

Alberto Henrique Costa de Castro

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: alberto.castro@acad.ifma.edu.br

Vanda Cristina da Fonseca Magalhães

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: crix_907@hotmail.com

RESUMO

O conhecimento linguístico é muito importante para a sociedade contemporânea, tal conhecimento possibilita aos indivíduos desenvolverem em suas práticas sociais diárias, habilidades como, ler, escrever e oralizar. Na linguística textual, o texto é compreendido como uma unidade de sentido que se torna evidente sob várias formas, e uma dessas, é a compreensão que deve ter o leitor dos sentidos do texto. Em vestibulares e outras avaliações, essa categoria é bastante explorada, portanto, torna-se de extrema relevância as experiências e conhecimentos prévios dos indivíduos. Dito isto, buscamos neste trabalho identificar as habilidades linguísticas dos alunos concludentes do curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão - Campus de Itapecuru Mirim, utilizando como técnicas, a pesquisa bibliográfica e a observação participante com identificação do autor em ambiente virtual. Como instrumento de coleta de dados foram aplicados questionários elaborados por intermédio da ferramenta tecnológica Google Forms aplicados no 7º e 8º períodos do Curso de Letras, tendo como pano de fundo, questões selecionadas do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE/2021. Como contribuição teórico-metodológica, buscamos autores como: Koch (2003); Bechara (2006); Geraldi (2006); Moran (2015); Kastro e.al. (2013); Monteiro & Santos (2019, entre outros/as. É importante destacar que este estudo poderá evidenciar dados que possam diagnosticar a base linguística dos alunos supracitados. As análises dos questionários demonstraram que houve uma baixa adesão dos discentes na fase de aplicação do questionário, mas apesar de quantitativo baixo de participantes foi possível avaliar o desempenho dos acadêmicos no questionário linguístico extraído da prova do Enade.

Palavras-chave: Conhecimentos linguísticos; Enade; tecnologias digitais.

LINGUISTIC KNOWLEDGE OF GRADUATING STUDENTS IN THE LETTERS COURSE AT THE STATE UNIVERSITY OF MARANHÃO: A STUDY WITH STUDENTS FROM THE ITAPECURU MIRIM CAMPUS

ABSTRACT

Linguistic knowledge is crucial for contemporary society, as it enables individuals to develop daily social practices such as reading, writing, and speaking. In textual linguistics, the text is understood as a unit of meaning that becomes evident in various forms, one of which is the reader's comprehension of the text's meanings. In college entrance exams and other evaluations, this category is heavily explored, making individuals' prior experiences and knowledge extremely relevant. In this study, we aimed to identify the linguistic abilities of graduating students in the Letters Course at the State University of Maranhão - Itapecuru Mirim Campus, using bibliographic research and participant observation with author identification in a virtual environment as techniques. We used questionnaires developed through the Google Forms technology tool in the 7th and 8th periods of the Letters Course, with selected questions from the National Student Performance Exam - ENADE/2021 as the background. As theoretical and methodological contributions, we sought authors such as Koch (2003), Bechara (2006), Geraldi (2006), Moran (2015), Kastro et al. (2013), Monteiro & Santos (2019), among others. It is important to note that this study may provide data that can diagnose the linguistic basis of the mentioned students. The questionnaire analyses showed low student participation during the questionnaire application phase, but despite the low number of participants, it was possible to evaluate the students' performance in the linguistic questionnaire extracted from the ENADE exam.

Keywords: *Linguistic knowledge; Enade; digital technologies.*

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento linguístico é de grande importância para todas as sociedades, tal conhecimento possibilita aos indivíduos incorporarem e desenvolverem em suas práticas diárias formas e modos de, ...como, ler, escrever, falar e escutar. Essas práticas estão compreendidas no campo da linguagem, pois por meio dela ocorrem a interação entre os seres humanos, seres que atuam constantemente na sociedade.

Um dos aspectos importantes da linguística enquanto campo de estudo é certamente a linguística textual, uma vez que essa perspectiva compreende conceitos da língua, como; leitura, escrita, texto e gêneros textuais. Quanto ao texto, ele é uma unidade de sentido que se torna evidente sob diversas formas de expressão, Koch (2003, p.17) aponta que o texto é “o próprio lugar de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que dialogicamente nele se constroem e são construídos”, assim, podemos ver o texto como uma trilha de pistas ou dicas para que o leitor por meio do contexto e dos elementos linguísticos possam chegar a uma resposta concreta de acordo com suas experiências e conhecimentos prévios.

Uma das formas de mensurar o desempenho de alunos de cursos de nível superior é por meio de políticas públicas de avaliação de cursos, como ocorre com o Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), este exame visa saber o de-

sempenho dos estudantes, com isso se pretende garantir a qualidade dos cursos. Assim, as políticas de avaliação da educação superior devem estar alinhadas ao aspecto político-social em que a sociedade contemporânea vive, moldada pelo processo de globalização, o que envolve a incorporação de uma estrutura tecnológica para o fortalecimento do sistema de educação, o que se torna evidente nas próprias ferramentas de avaliação do exame acima citado no ano de 2021.

Disto isto, este estudo busca identificar o desempenho linguísticos de alunos concludentes do curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Itapecuru-Mirim, mais especificamente, os do 7º e 8º períodos do referido curso. Como técnicas, buscamos na pesquisa bibliográfica subsídios teórico-metodológicos na compreensão do tema e a observação participante com identificação do autor em ambiente virtual.

Vale destacar, que, os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa, foram questionários aplicados nos períodos supracitados, elaborados mediante o uso de tecnologias digitais, em especial, da ferramenta *Google Forms* a qual foi de grande valia para a elaboração dos questionários aplicados e serviu como banco de dados, uma vez que esse recurso tecnológico armazena e salva os dados de modo sistematizado e organizado em formas de gráficos.

Essa tecnologia possibilitou a concretização do objetivo de identificar o desempenho dos estudantes do curso de Letras do Campus da UEMA de Itapecuru-Mirim, acerca dos conhecimentos linguísticos extraídos de provas do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE/2021). Assim, a relevância desse estudo está em levantar um diagnóstico do desenvolvimento linguístico dos alunos concludentes do curso citado e poderá contribuir no sentido de apresentar dados importantes e significativas para melhoria da qualidade dos processos de ensino e aprendizagem dos alunos e logo, de um bom desempenho no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE).

2 A ORIGEM DA PESQUISA LINGUÍSTICA

As pesquisas sobre a linguística são de extrema importância na área das Ciências Humanas e, no Brasil, o desenvolvimento dessas pesquisas se deu com a criação dos primeiros cursos de Letras nos anos 30 do século XX. Uma das pioneiras na criação desse curso foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1934, o curso era dividido em duas áreas: Letras Clássica e Português e Letras Estrangeiras. O primeiro era pautado em estudar a história da língua e sua literatura.

Assim, por muito tempo os estudos linguísticos do curso de Letras Clássica estudavam a fonética, morfologia, sintaxe e lexicologia histórica. Os estudos linguísticos tinham uma vertente histórica. Com o passar das décadas os componentes dos cursos foram mudando. Atualmente o curso conta com duas áreas de estudo: estudos linguísticos e estudos literários, o primeiro é o foco deste estudo.

2.1 O TEXTO NA SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA

O ensino de língua materna é um fator relevante para a educação a nível mundial, pois é através da língua que se dá a comunicação e a interação dos agentes sociais. Nesse sentido, a linguística textual tem contribuído significativamente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas cada vez mais eficientes. Segundo (KOCH, 2003) a linguística textual tem como objeto de estudo o texto enquanto unidade comunicativa e como ele é construído em diferentes situações. Dessa forma, o conhecimento da linguística textual pode contribuir para o ensino da língua materna de diferentes formas e nos mais variados contextos educacionais.

Vale destacar, que devemos compreender o texto para além de um emaranhado de palavras organizadas, pois ele exerce uma função na formação e maturação do indivíduo enquanto ser social, que por meio do texto pode elaborar diversas formas estruturas de comunicação, o que contribui para a criação do conhecimento seletivo, que envolve desde os temas escolhidos até o próprio estilo e forma de estruturação textual. Assim, linguística textual pode ser entendida como uma abordagem teórica e prática que permite compreender como os textos são produzidos e interpretados, contribuindo para o ensino da língua materna e para o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos estudantes.

2.1.1 A linguística como base dos processos de ensino e aprendizagem

A língua e a linguagem são temas muito discutidos dentro do campo da linguística no âmbito das universidades, pois são elementos essenciais para viver em sociedade, elas possibilitam a capacidade de se comunicar de forma eficiente, permitindo assim que um bom usuário da língua consiga usá-la em diferentes situações, porque, é um poliglota na sua própria língua,

à medida que dispõe da sua modalidade linguística e está à altura de decodificar mais algumas outras modalidades linguísticas com as quais entra em contacto, quer aquela utilizada pelas pessoas culturalmente inferiores a ele, como aquelas a serviço das pessoas culturalmente superiores a ele (BECHARA, 2006, p. 13-14).

Dessa forma, a língua é um fator puramente social, fundada na necessidade de comunicação e interação social, como afirma Geraldi (2006, p. 42) a língua “só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução.” Assim, uma educação linguística é imprescindível no processo de ensino e aprendizagem, no qual as interlocuções linguísticas norteiam professores e alunos universitários, contribuindo para um alto desempenho linguístico dos estudantes de letras ao longo da jornada acadêmica. Assim, se espera que os estudantes tenham uma formação consistente, no campo científico, contextual e psicopedagógico.

3 O EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DE ESTUDANTES (ENADE): FINALIDADES E PERSPECTIVAS

O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) foi implantado no ano de 2004, integrando a avaliação de cursos e instituições, de forma a avaliar o desenvolvimento da aprendizagem de alunos concluintes de cursos de graduação. A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/1996, houve uma grande expansão do sistema educacional superior nas redes pública e privada.

Vale destacar, que essa expansão se deu, entre outros, com a elaboração do PNE - Plano Nacional de Educação - 2001-2010, ao final da década de 1990. Nesse documento, constavam 295 finalidades ou metas, para a educação, sendo 35 para a educação superior enunciando uma preocupação com a expansão deste nível de ensino e propondo o aumento da oferta de vagas e de matrículas, além da diversificação do sistema pelo estímulo ao desenvolvimento da Educação à Distância e a institucionalização de um sistema nacional de avaliação.

Vale ressaltar, que quanto à avaliação da educação superior, é importante refletir o panorama da sociedade atual inseridas em um mundo globalizado que depende cada vez mais de uma estrutura tecnológica como base da educação e como suporte para o desenvolvimento da cidadania, começando pelas próprias ferramentas de avaliação e contribuição social, o Enade convoca estudantes a emitirem suas compreensões sobre os cursos de graduação, assim, contribui para o acompanhamento da qualidade. Com a criação da lei nº 10.861/04 o ENADE passou assim, a ser um componente importante para diagnosticar a qualidade do ensino superior.

O citado exame, avalia os estudantes no que concerne aos conteúdos curriculares presentes nos cursos de graduação, essa avaliação também se preocupa com a adaptação e conhecimento do estudante, assim como suas capacidades de compreensão pertinentes a questões nacionais e internacionais. Assim,

trata-se uma prova em larga escala cujo objetivo é verificar os conhecimentos dos graduandos sobre os conteúdos adquiridos ao longo do curso, ele é feito com os alunos do primeiro ano e com os do último. Este exame atinge todos os cursos do país e é realizado a cada três anos. (BRASIL, 2013).

Sob essa perspectiva, funciona como uma ferramenta de avaliação externa, assim ela se apresenta em termos práticos como uma política pública de Estado que faz parte do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) conduzido pelo Ministério da Educação. Assim, este Exame ao trazer resultados que possam mensurar os cursos que foram avaliados e logo, a Instituição, pode contribuir no sentido da reflexão e/ou das mudanças necessárias na otimização dos cursos e dos processos de ensino e aprendizagem subjacentes, haja vista que o produto da aprendizagem dos concluintes dos cursos servirá para balizar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

É importante destacar, que os avanços e retrocessos na qualidade dos processos de ensino e aprendizagem, estão intimamente relacionados às IES que oferecem condições materiais, pedagógicas e humanas necessárias a um bom desenvolvimento dos alunos em avaliações e exames.

4 INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

As inovações tecnológicas estão intrinsecamente ligadas ao progresso da humanidade, contribuindo para revolucionar o sistema de educação no Brasil e no mundo. Quando se fala em educação, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) ganham notória relevância nesse campo. As inovações tecnológicas proporcionam à sociedade uma ampla capacidade de comunicação e, assim, nos meios educacionais possibilitam, inclusive, um amplo leque de modos de ensinar e aprender.

Para Kastro, et.al. (2013, p.) “A tecnologia em si, entretanto, está demonstrando ser uma ferramenta poderosa para ajudar os professores fechar a brecha em sua capacitação, sobre o uso efetivo dos recursos digitais”, dessa forma, as tecnologias digitais servem de apoio às práticas pedagógicas e acadêmicas nas mais diversas áreas do conhecimento e do saber.

Nessa perspectiva, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TD-CIs) são importantes nos processos de ensino/aprendizagem e são de grande valia como ferramentas destinadas à pesquisa acadêmica e científica, pois oferecem um grande leque de recursos e ferramentas que podem ser incorporados nas pesquisas científicas. Para Moran (2015), esses recursos tecnológicos caracterizam formas de constituir novas inovações metodológicas, assim proporcionando novas maneiras de ensino e aprendizado, já que as tecnologias permitem o uso integrado de todos os espaços e tempos.

Nesse sentido, O *Google Forms* é um aplicativo que foi desenvolvido pela empresa Google como ferramenta capaz de integrar diversos recursos em um único aplicativo, exercendo a função de proporcionar suporte em pesquisas científicas, sobretudo, no meio acadêmico (MONTEIRO & SANTOS, 2019). Assim, o *Forms*, se caracteriza como um aplicativo feito para criar formulários através de planilhas, podendo ser usado para fazer questionários de pesquisas de forma *online*, contribuindo para maior economicidade de tempo e recurso financeiro, uma vez que a ferramenta é de uso gratuito. Oferece um modo fácil e intuitivo cujos resultados dos questionários são armazenados na “nuvem” e ficam disponíveis para o usuário, além do mais os dados obtidos se apresentam de modo sistematizado em gráficos e planilhas, exemplificados quantitativamente, o que facilita a análise dos dados.

5 METODOLOGIA

A natureza da pesquisa é aplicada, a abordagem é quali-quantitativa, pois

quantidade e qualidade não estão totalmente dissociadas na pesquisa, na medida em que de um lado a quantidade é uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se apresenta e do outro lado ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si (GATTI, 2002, p.47).

Assim, quanto ao objetivo, é classificada como exploratória, pois permite maior proximidade com o objeto estudado, tornando-o mais claro e permitindo criar hipóteses a partir das análises dos questionários respondidos por pessoas que tiveram experiência prática com o problema estudado.

Quanto aos procedimentos técnicos optamos pela pesquisas bibliográfica e a observação participante com identificação do autor em ambiente virtual, como instrumento de coleta de dados questionários elaborados no aplicativo *Google Forms* que versavam sobre 05 (cinco) questões específicas de Linguística do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE/2021), publicado pelo Instituto Nacional de Estudos Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em setembro/2022, e 05 (cinco) questões gerais de cunho quantitativo.

Os questionários foram disponibilizados aos participantes através da plataforma *Whatsapp* com 30 (trinta) discentes entre o 7º e 8º períodos do curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – Campus de Itapecuru-Mirim.

A pesquisa foi realizada entre os meses de novembro de 2022 a abril de 2023, com um quantitativo de 16 (dezesesseis) discentes dos períodos supracitados, sendo disponibilizado aos participantes Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visando a garantia de sigilo e anonimato dos participantes.

6 RESULTADOS

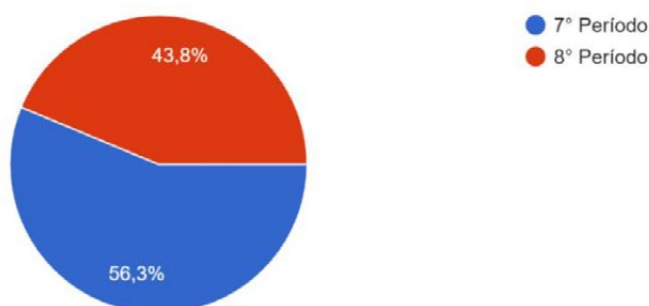
O estudo obteve êxito no objetivo de identificar o desempenho acadêmico dos discentes do curso de letras da Universidade Estadual do Maranhão – Campus de Itapecuru-Mirim, por meio da aplicação do questionário linguístico e suas áreas, extraído de provas do ENADE/2021. O questionário contendo 5 (cinco) questões de múltipla escolha foi elaborado no *Google Forms* e logo em seguida foi disponibilizado o link do *forms* em grupos de *WhatsApp* das turmas de letras. Assim, os alunos puderam responder o questionário que, além de perguntas específicas de linguística, também continha perguntas sobre sexo, idade, nível de escolaridade etc.

A primeira pergunta socioeconômica focou em saber o período em que o discente estava cursando.

Gráfico 1: Quanto ao período que o aluno está cursando.

Qual período você está cursando?

16 respostas



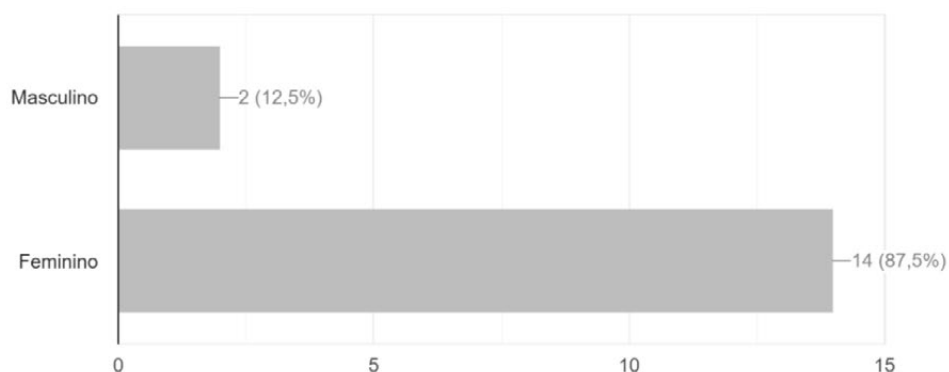
Fonte: Dados da pesquisa.

É possível perceber que o maior percentual de resposta quanto ao período de pertencimento veio dos alunos do 7º período, seguido pelo 8º. Assim se entende que os alunos do penúltimo ano interagiram com um percentual maior. Quanto ao total de respostas, totalizou-se 16 (dezesesseis).

Gráfico 2: Quanto ao sexo dos participantes.

Sexo:

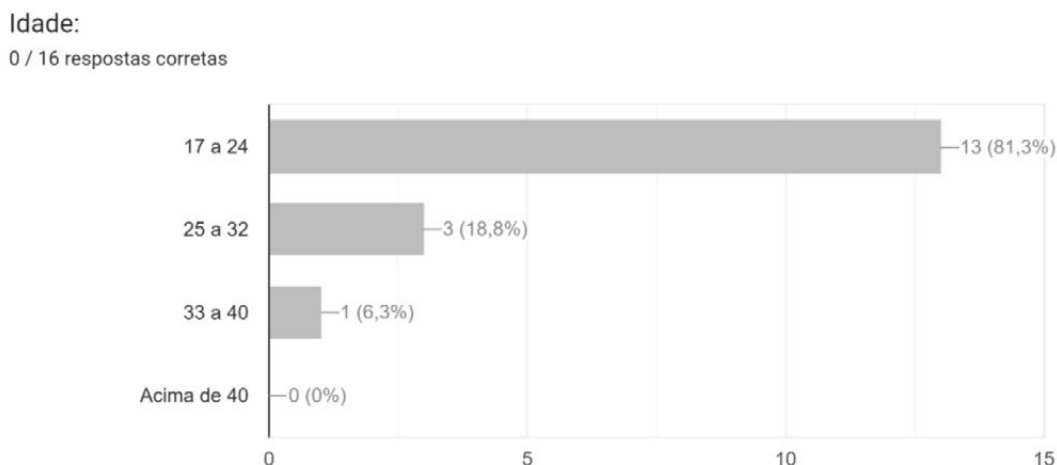
0 / 16 respostas corretas



Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados evidenciaram que 87,5% participantes do estudo são do sexo feminino, e apenas 12,5% do masculino, o que nos leva a conclusão de que o curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa ofertado no Campus de Itapecuru Mirim são frequentados predominantemente por mulheres.

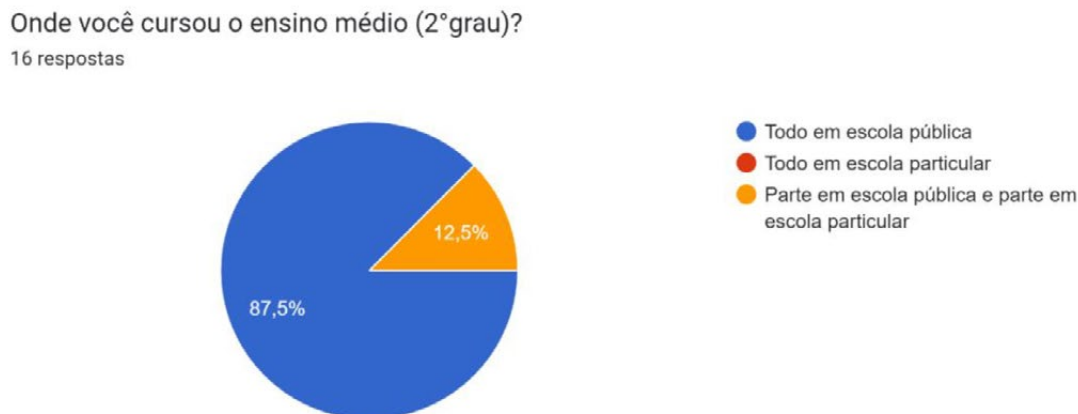
Gráfico 3: Quanto a idade dos participantes.



Fonte: Dados da pesquisa.

Notamos que em uma escala entre as idades dos discentes, a que representa maior número de alunos matriculados no curso de letras é a de 17 (dezesete) a 24 (vinte e quatro), seguidas por 25 (vinte e cinco) a 32 (trinta e dois), 33 (trinta e três) a 40 (quarenta) e por fim o resultado mostra que nenhuma pessoa acima dos 40 (quarenta) anos frequenta o curso.

Gráfico 4: Quanto ao tipo de escola onde o aluno cursou o ensino médio.



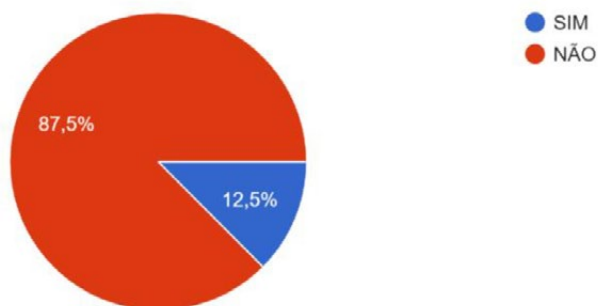
Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados do gráfico 4 (quatro) mostram que 87,5% dos alunos matriculados no curso de letras cursaram o ensino médio em rede pública de ensino, o que significa um resultado satisfatório para este estudo, tendo em vista que um percentual considerável da carga horário dos professores é dedicado para preparar o aluno para vestibulares, o mais conhecido certamente é o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mas os conteúdos ensinados são de grande valia para o vestibular Processo Seletivo de Acesso à Educação Superior (PAES), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Gráfico 5: Quanto se o aluno possui outra graduação.

Você possui outra graduação?

16 respostas



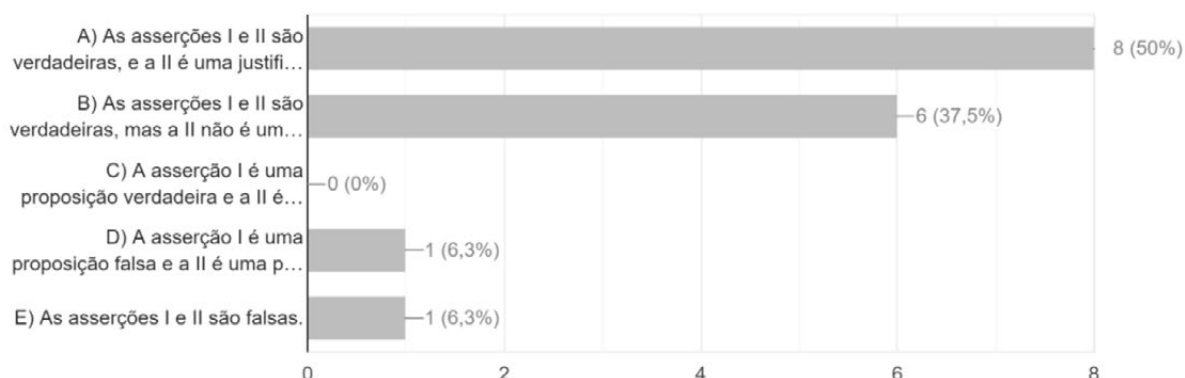
fonte: Dados da pesquisa.

Os dados obtidos por meio do gráfico pizza mostram que quase 90% dos alunos não possuem graduação, ou seja, estão iniciando sua jornada no nível superior de ensino.

Gráfico 6: Quanto a primeira questão.

QUESTÃO 01 Considerando a linguagem utilizada pelo personagem João nas duas situações comunicativas, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

0 / 16 respostas corretas



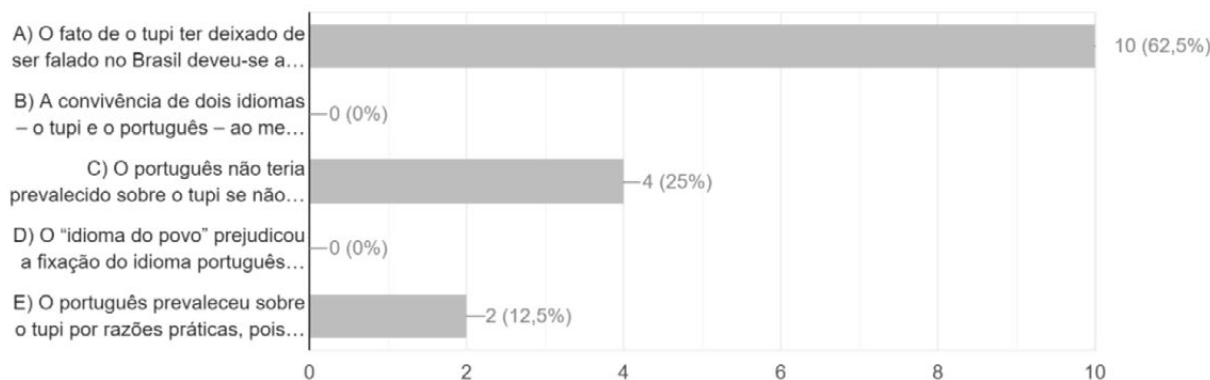
Fonte: Dados da pesquisa.

É possível identificar que 50% dos candidatos escolheram a alternativa de letra (A) Seguidas de modo decrescente até a alternativa (D). De acordo com o gabarito oficial da ENADE 2021, a resposta correta é alternativa letra “A.” Isso mostra que metade dos alunos conseguiram um bom resultado na primeira questão.

Gráfico 7: Quanto a segunda questão.

QUESTÃO 02 TEXTO I Sendo linguisticamente diversificada, a colônia portuguesa viu o idioma da metrópole tornar-se oficial em suas terras somente...se nos textos apresentados, é correto afirmar que:

0 / 16 respostas corretas



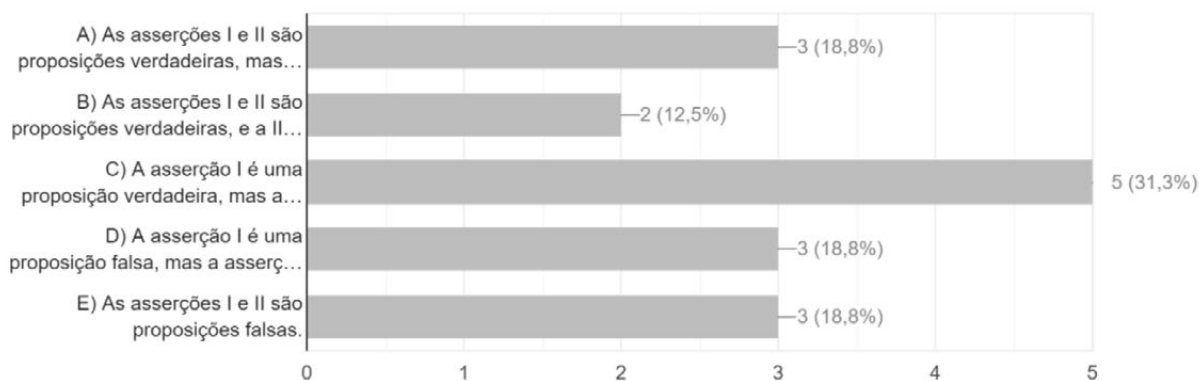
Fonte: Dados da pesquisa.

A segunda questão demonstra um desequilíbrio entre as alternativas. O gabarito apresenta a alternativa (A) como sendo a correta.

Gráfico 8: Quanto a terceira questão.

QUESTÃO 03

0 / 16 respostas corretas



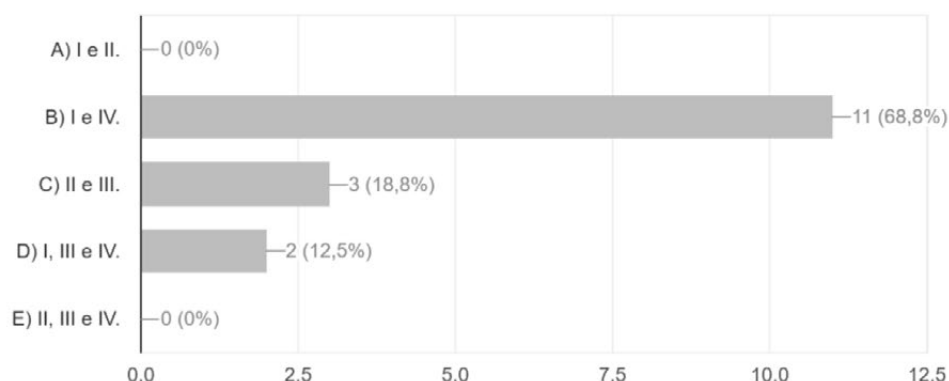
Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados da terceira questão mostram um equilíbrio entre as alternativas, com uma pequena predominância pela escolha da alternativa (C), que se confirma como alternativa incorreta no gabarito oficial do EANDE, o que indica que em relação aos dados do gráfico 8 (oito) houve muitas dúvidas quanto a escolha das questões. Segundo o gabarito oficial, a alternativa correta seria letra (E).

Gráfico 9: Quanto a quarta questão.

QUESTÃO 04

0 / 16 respostas corretas



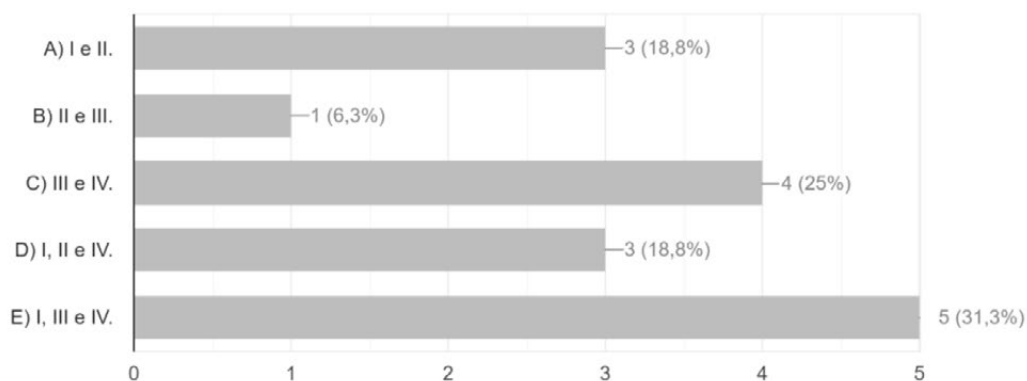
Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 9 (nove) aponta uma tendência, mais de 65% dos candidatos optaram por seguirem a alternativa (B). O gabarito aponta letra (B) como alternativa correta, assim mais da metade dos candidatos obtiveram êxito nesta questão.

Gráfico 10: Quanto a quinta questão.

QUESTÃO 05 A oposição tradicional entre gramática e léxico fundamenta-se na existência de duas espécies de unidades na primeira articulação ...ramatical. É correto apenas o que se afirma em:

0 / 16 respostas corretas



Fonte: Dados da pesquisa.

O último gráfico dessa série de questões aponta uma escolha mais diversificada das questões, com uma pequena vantagem a alternativa (E), o gabarito aponta letra (E) como sendo a correta.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos a partir do estudo realizado com os alunos do curso de Letras do Campus de Itapecuru Mirim, é possível inferir que houve uma baixa adesão dos discentes na fase de aplicação do questionário, sugerindo a necessidade de explorar abordagens alternativas para maximizar a participação no futuro.

No entanto, a análise dos dados coletados indica que os acadêmicos do 7º período representam a maior parte dos participantes no presente estudo.

Ao avaliar as escolhas dos alunos em cada item do questionário, pode-se inferir que certos aspectos do curso foram considerados mais relevantes do que outros. Essa informação pode ser valiosa para o aprimoramento da qualidade do ensino e do aprendizado do curso de Letras, uma vez que permite identificar áreas que requerem maior atenção por parte dos docentes e gestores do curso. Ademais, é importante destacar que esses resultados são específicos para o Campus de Itapecuru Mirim, e, portanto, é necessário realizar estudos semelhantes em outros contextos para obter uma visão mais abrangente das experiências dos alunos de Letras em geral.

Quanto ao uso de tecnologias aplicadas para esse estudo, é possível afirmar que elas são ferramentais e importantíssimas para o processo de pesquisa científica, pois são acessíveis e práticas.

Assim, os resultados deste estudo são necessários para refletirmos primeiramente a importância de se ter mais alunos envolvidos em processos que envolvam pesquisa científica, como também o que levou um baixo número de discentes a participarem do estudo, assim como o que levou os alunos terem um média abaixo de 70% (setenta por cento), o que é considerado nos principais sistemas de avaliação a nota mínima para possíveis aprovações. Em segundo lugar é importante perceber o quanto as tecnologias estão ao nosso favor, auxiliando-nos em nossas práticas acadêmicas. Em especial a utilização do *Google Forms* foi de extrema utilidade para o procedimento metodológico deste estudo.

Por fim conclui-se que os objetivos do estudo linguístico com os alunos do curso de letras do Campus de Itapecuru Mirim foram alcançados, isto é, apesar de quantitativo baixo de participantes foi possível avaliar o desempenho dos acadêmicos no questionário linguístico extraído da prova do ENADE. Assim, este estudo contribuiu com informações significativas para melhoria e qualidade do preparo de alunos para as provas do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. ENADE. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/enade>. Acesso: 15/10/2021.
- BECHARA, E. *Ensino de gramática. Opressão? Liberdade?* 12.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GATTI, Bernardete Angelina. **A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.
- GERALDI, J.W. **O texto na sala de aula**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

KASTRO, Purcell et al. (2013). **Como os professores estão usando a tecnologia em casa e no Cassrooms Washigton, DC**: Internet & American Life Project do Pew Resead.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. V. **As diferentes concepções de linguagem**. In: **A interação pela linguagem**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, R.L.S & Santos D.S. (2019) **A utilização da ferramenta google forms como instrumento de avaliação do ensino na escola superior de guerra**. Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (online). 4(.2):28-38. Acesso em 09 de julho d 2020. Disponível em: <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte/article/view/72/106>.

MORAN J. (2015). **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG.

Poema de
José D'Assunção Barros

JAUFRE

O braço

Da viola

Alcança

O amor,

Em toda

Extensão

De cada

Trovador.

Mas só tu,

Rudel, se apaixonou

Por tudo o de belo que foi dito

Sobre a mais nobre mulher distante...

Quanto a mim, entrego meu verso

Somente ao leve traço errante.

Ao menos tu, ao fim da vida,

A tudo consumou, na praia do destino:

Trágico naufrágio de um sublime instante;

Quanto a mim, eu apenas fico à espera,

De um sorriso dela – sempre falso –

Cruel, de tão minguante.

Publicado em: 28.12.2023

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v2n2.63>

Poemas de
Basílio Soares Barbosa Maciel

ACRÓSTICO PALMEIRAS DE ITAPECURU

Palmas às palmeiras!
Aqueles também no seu quintal!
Lindas em moitas ou fileiras,
Merecida homenagem lhes damos afinal!
Estando de frutos carregadas,
Inteiras ficam em beleza e sabores deliciosos!
Radiantes folhas pelo vento balançadas,
Alegres nos saúdam sobre caules majestosos!
Sempre muito fortes e ao mesmo tempo delicadas!

Diante de tamanha grandeza e diversidade,
Eu agradeço a Deus por serem cetro de Sua majestade!

Imaginem agora seus quintais sem as juçaras,
Também as árvores das florestas sem as titaras!
Aqueles igarapés sem os imensos buritis,
Perder a beleza dos altos patis!
E o horizonte sem os babaçus, que chato seria!
Chão sem as belas moitas dos marajás,
Uma tristeza não ver os belos anajás!
Raro hoje já é o leque da bacaba, quem diria!
Uma terra de saudades, não de palmeiras seria!

Itapecuru Mirim - MA, 02.05.2023

Publicado em: 28.12.2023

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v2n2.47>

Poemas de
Leandro Teixeira de Sousa

CORRUPÇÃO I

Maldito flagelo da corrupção,
que distorce e oxida a moral,
a ganância é teu maior sinal,
tu és praga que rouba a esperança.

Te enraizas em poder e em riqueza,
teus tentáculos cegam a alma humana,
te infiltras na política e tramas,
aos inocentes causando dor e tristeza.

Tua vileza, porém, não prevalece,
pois é forte baluarte a justiça,
que combate o mal que enfeitiça.

É nossa obrigação lutar contra este mal
e construir um futuro de bonança,
pois a justiça é luz de esperança.

Publicado em: 28.12.2023

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v2n2.46>

Poemas de
Marcos Guimarães

EU PODERIA ESCREVER

Eu poderia escrever,
Tudo que mais gosto em você,
Daria um livro.

E eu ainda poderia esquecer
De algumas coisas,
Mas vou tentar.

Eu amo o seu sorriso,
Amo quando você olha para mim,
Com esses olhos castanhos sorrindo,
Amo seus abraços.

Amo seus beijos,
O seu jeito de me ganhar.
Amo seu cheiro,
Seu cabelo.
Amo tudo em você.

E eu gosto disso sabe,
De amar você.
Eu continuo me apaixonando
Por você, todos os dias.

Publicado em: 28.12.2023

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v2n2.43>

Crônica de
Leandro Teixeira de Sousa

TEMPO E IMORTALIDADE

Não sei exatamente o que é o tempo, mas sinto seus efeitos. Percebo automaticamente cada momento que vivencio sendo gravado em uma espécie de grande filme da vida. Consigo rebobinar algumas cenas, mas só às quais já assisti, nunca as que ainda não foram exibidas na tela da minha consciência. Consigo imaginar o futuro, observando o enredo do presente, mas sempre há reviravoltas e mudanças inesperadas na vida do personagem principal.

Não sei precisamente qual a natureza do tempo, mas sinto que ele é intrínseco à estrutura da realidade. O real está dentro de algo que o guarda e o protege. O tempo é o guardião da realidade. Mas nesse caso me questiono sobre os sonhos. Será que são reais? Eles se sujeitam ao tempo? Tomo os sonhos como realidades anômalas, pois me parecem que são ressonâncias da vida cotidiana. Mas ainda sim acontecem no tempo, mesmo que psicologicamente pareçam atemporais. Nesse sentido, também me pergunto se os pensamentos se submetem ao tempo. Penso que sim, porque só é possível pensar no tempo e não fora dele. Aliás, se os pensamentos fossem atemporais, seria possível pensar o tempo como um objeto externo. Algo que seria grandioso, pois certamente desvendariamos suas propriedades. Contudo, aí seríamos deuses.

Certamente o que há de mais misterioso no tempo é a percepção que temos dele de que tudo já aconteceu e de que estamos apenas acompanhando a exibição de um filme. Talvez de fato tudo já tenha acontecido. Mas e o livre-arbítrio? E as nossas decisões conscientes? Imagino que já fizemos todas as nossas escolhas, e mesmo aquelas que supomos termos mudado na verdade já havíamos assim escolhido. Isso não é um determinismo. Porém vejo as escolhas que fazemos na vida essas sim como atemporais, pois parecem emanar da nossa alma, essa sim imortal.

Nossas escolhas são parte da eternidade. Imagino o momento em que nos separamos de Nosso Criador para experimentarmos a materialidade da vida. Nesse momento passamos a sofrer as limitações do tempo, pois não seria possível nos distanciarmos do campo divino e infinito e ainda sim desfrutar da imortalidade na finitude. Talvez por isso a passagem do tempo nos machuque tanto, pois sentimos a materialidade se esvaír e a transcendência da alma se intensificar. Pressentimos nosso retorno aos braços do Criador.

Imagino que nesse momento, que toda alma humana aguarda, aí sim o tempo não nos amedrontará, pois veremos tudo e conheceremos todos os acontecimentos, como certamente era no início. Assim percebo o tempo, como uma limitação da nossa escolha de viver na materialidade e não com Deus, na eternidade. Ele, contudo, já

sabia em Sua sabedoria infalível que um dia retornaríamos arrependidos, pois fomos criados por um ato de bondade para vivermos na imortalidade junto Dele. E não há nada mais próprio da alma humana do que o amor à infinitude e à imortalidade, pois é nossa maior semelhança com o Criador dada por Ele.

Publicado em: 28.12.2023

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v2n2.60>

Crônica de
Assenção Pessoa

GONÇALVES DIAS E OS GONÇALVES DE TODOS OS DIAS

*“Minha terra tem palmeiras, /onde canta o sabiá,
as aves que aqui gorjeiam, /não gorjeiam como lá...”*

(Gonçalves Dias)

Esses versos com efeitos mágicos reafirmam que esse poeta se permite falar para todas as idades, gerações e descendências, por certo atemporal, como é a vida romântica de um exilado em sua própria essência.

Todos nós sabemos da importância de Gonçalves Dias (1823-1864) para a geração romântica de outrora e para a contemporaneidade. Maranhense com frágeis anseio saudosista, um naufrágio, foi o protagonista do encerramento precoce de sua história. Poeta romântico indianista, nacionalista, tendo como ícone a Canção do Exílio (1843), a poesia mais ditada, mais imitada, mais parafraseada de todos os tempos. Poesia emblemática de feição amorosa, onde se percebe a idealização da figura feminina intrigante desse período de sua existência poética e histórica, além da expressão de um nacionalismo, um orgulho exagerado por sua terra natal, além de exaltar a sua exuberante natureza.

Inserido em uma escola estética com característica sentimental indócil, a individualização e idealização do amor-perfeito, os Gonçalves Dias atuais ainda buscam esse sentido para suas poesias. Poetas de diversos estilos, seguidos por diversos autores reconhecidos, ou anônimos, que certamente poderiam ser os mais lidos e apreciados pelos mais diversos tipos de leitores. Nos Gonçalves de todos os dias, percebem-se outros poetas e romancistas a transcender o espírito nostálgico do romantismo brasileiro.

Castro Alves, por exemplo, o poeta dos escravos, o principal poeta da Terceira Geração desse entoar Romântico, retrata, sob o efeito da lírica-amorosa, a influência ultrarromântica da poesia vivida por Gonçalves Dias.

A duas flores

*São duas flores unidas, /São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol, /Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gota de orvalho, /Do mesmo raio de sol.*

[...]

*Unidas, bem como os prantos, /Que em parelha descem tantos
Das profundezas do olhar... /Como o suspiro e o desgosto,
Como as covinhas do rosto, /Como as estrelas do mar.*

[...]

(Espumas Flutuantes)

Álvares de Azevedo, outro poeta da 2ª geração romântica brasileira, nos seus versos de *A Lagartixa*, – “Tu és o sol e eu sou a lagartixa” – a figura do amante idealizado, compara o sujeito lírico a uma lagartixa, fugindo o nobre poeta do “eu” lírico, padrão romântico heroico e virtuoso, ao mesmo tempo, em que o representa na forma animal.

A Lagartixa

*A lagartixa ao sol ardente vive /E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida, /Tu és o sol e eu sou a lagartixa.*

[...]

*Vale todo um harém a minha bela, /Em fazer-me ditoso ela capricha...
Vivo ao sol de seus olhos namorados, /Como ao sol de verão a lagartixa.*

Casimiro de Abreu, também da 2ª geração romântica, autor de *As Primaveras*, no poema *Meus Oito Anos*, descreve uma nostalgia bucólica, marcada pela simplicidade e por uma espontaneidade que se reporta ao seu patriotismo e sua idealização amorosa, seguido do pressentimento da morte. Os poemas de Casimiro apresentam-se num contexto de fuga de um presente inquieto, atordoado, atendo-se ao passado, como único refúgio seguro e feliz a lhe proporcionar uma singular existência configurada na poesia de fluido gonçalvino.

Meus Oito Anos

*“Oh! que saudades que eu tenho /Da aurora da minha vida,
/Da minha infância querida*

*Que os anos não trazem mais! /Que amor, que sonhos, que flores,
/Naquelas tardes fagueiras*

À sombra das bananeiras, /Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias /Do despontar da existência! /– Respira a alma inocência

Como perfumes a flor; /O mar é – lago sereno, /O céu – um manto azulado,

O mundo – um sonho dourado, /A vida – um hino d'amor!

[...]

A poesia romântica de Gonçalves Dias se entranha na poesia dos poetas brasileiros, com recusas por vezes intensas, por vezes amarguradas, solitárias, entristecidas. Mas, ainda assim, é o gênero mais preferido dos leitores. Será por que somos eternos e irrecuperáveis românticos? Os versos do romantismo sempre povoam o nosso célebre imaginário, deixando marcas indelévels de nossa memória afetiva na nossa história e na história da literatura nacional.

Os Gonçalves de todos os dias estão nas calçadas, recitando os poemas da vida, dentro dos escritórios, em salas com ar-condicionado ou ao ar livre. Desde o período romântico até os dias modernos contemporâneos temos uma fila de poetas cuja missão é levar esses estilos de vida aos apreciadores da língua e da literatura

portuguesa-brasileira. De Gonçalves Dias a Paulo Leminski, no seu jeito irreverente de se comunicar por meio da poesia, temos um leque de autores que, imensuravelmente excêntricos, descrevem, além do clássico romantismo, toda a diversidade poética presente na natureza e na vida. Destaco aqui Chico Buarque de Holanda, Maria Firmina dos Reis, Fagundes Varela, como exemplo desses contrastes na sua forma de falar dos sonhos, reivindicar direitos e respeito, além de expressar todas as formas do amor e de amar.

O romantismo de Chico Buarque e Tom Jobim transborda no amor pelas descrições sofridas no sujeito em transformações, aportando na modernidade, viajando nos campos da sexualidade, identidade e liberdade. O amor transborda pelos poemas de Chico Buarque, nas suas músicas e livros. Na canção *Sabiá* apresenta uma das releituras e citações de *Canção do Exílio*.

Sabiá

*Vou voltar /Sei que ainda vou voltar /Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá /Que eu hei de ouvir /Uma sabiá*

*Vou voltar /Sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra de uma palmeira /Que já não há
Colher a flor que já não dá /E algum amor talvez possa espantar
As noites que eu não queria /E anunciar o dia
[...]*

Maria Firmina dos Reis (1822-1917), maranhense, contemporânea precursora do romantismo afrodescendente, traz na sua escrita a luta silenciosa abolicionista, antes mesmo de Castro Alves. *Úrsula*, sua obra mais completa, reflete exatamente o empoderamento da mulher negra na nossa literatura, põe a negritude para o centro, o sujeito protagonista de sua história, com a sua própria linguagem e experiências.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras (Úrsula, 1859).

Escritor e boêmio carioca, Fagundes Varela (1841-1875) foi de uma geração ultrarromântica. Assumindo um tom bucólico, suas composições se focam em **descrever a natureza**, presente e identificada por muitos dos seus pares contemporâneos, o poeta evidencia seus sentimentos mais negativos, como a melancolia, o pessimismo, a obsessão pela morte, a obstinação em fugir da realidade. Ainda assim, sua lírica demonstrava temáticas políticas e sociais, fatos que o aproximavam de gerações futuras. Varela, o poeta de transição, assimilou traços do Romantismo em sua mais diversas fases. *Cântico do calvário*, é um poema emocionante, escrito em memória de seu filho de 11 anos, está no livro *Cantos e Fantasias* (1865), o mais conhecido.

Cântico do calvário

[...]

*Que belos sonhos! Que ilusões benditas! /Do cantor infeliz lançaste à vida,
Arco-íris de amor! Luz da aliança, /Calma e fulgente em meio da tormenta!*

[...]

Machado de Assis (1839-1908), foi um autor com um arcabouço de influência romântica, eterna, como mostram suas obras *Ressurreição* (1872), *Histórias da Meia-noite* (1873), *A Mão e a Luva* (1874).

Um nome pouco lembrado deste período foi a professora, poeta Narcisa Amália de Campos (1852-1924), primeira mulher jornalista desse nosso país, vasto de intelectualidades femininas anônimas e esquecidas ao longo do tempo. Com forte consciência social, demonstrado em seus artigos de opinião, Narcisa reflete acerca dos direitos das mulheres e pessoas escravizadas, além de assumir outras posturas na literatura, alcançando grande projeção em todo o Brasil. *Nebulosas* (1872), único livro publicado, é um exemplo dessas preocupações, versando também os sentimentos e a exaltação à natureza.

Por que sou forte

*Dirás que é falso. Não. É certo. Desço /Ao fundo d'alma toda vez que hesito...
Cada vez que uma lágrima ou que um grito /Trai-me a angústia - ao sentir que desfaleço...*

[...]

*É que há dentro vales, céus, alturas, /Que o olhar do mundo não macula, a terna
Lua, flores, queridas criaturas, /E soa em cada moita, em cada gruta,
A sinfonia da paixão eterna!... /- E eis-me de novo forte para a luta.*

Cecília Meireles (1901-1964), com temas recorrentes sobre o amor, a morte, o tempo e a eternidade, primeira escritora brasileira a se tornar realmente famosa no meio literário. Temas citados que estão evidenciados em *Vaga Música* e *Mar Absoluto*. Com apenas 18 anos, Cecília se integra ao mundo editorial. Os poemas, romances, literatura infantil e textos jornalísticos estão presentes no seu vasto currículo premiado.

Mar Absoluto (fragmentos)

*Foi desde sempre o mar, /E multidões passadas me empurravam
como o barco esquecido.*

[...]

*Então, é comigo que falam, /sou eu que devo ir.
Porque não há ninguém, /tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos.*

[...]

Falando de escritoras, refiro-me também a Mariana Luz (1871- 1960), poeta maranhense da cidade de Itapecuru Mirim, que se pode observar na sua escrita, os

traços da escrita de Narcisa Amália, Maria Firmina dos Reis e outras autoras brasileiras. Com apenas uma única obra publicada, *Murmúrios*, essa obra passeia por temas melancólicos de amor e dor, vida e morte, além de traços religiosos. Entre o preconceito e a invisibilidade, Mariana Luz, ainda assim, consegue ser a 2ª mulher a entrar para a Academia Maranhense de Letras (1949). Isolada na solidão de seus dias, Mariana merece reconhecimento e uma reparação histórica, por seus escritos de valor imensurável na literatura do Brasil.

Supremo Amor

(Mariana Luz)

[...]

*Se te perdesse, ó Deus, quantas angústias,
Que martírio cruel não sofreria
Meu pobre coração que te ama tanto
E cujo afeto aumenta dia a dia.*

[...]

O mundo literário atual do Brasil está repleto dos vários Gonçalves Dias, atualmente. O romântico que lateja nos corações avassaladores, no amor à natureza e às diversas causas: indígenas, feminicídio, valorização do negro, da mulher, das relações de gênero, enfim, nos que punge e dilacera, arrancando do ostracismo presente na vida de poetas e romancistas famosos ou anônimos escritores brasileiros e leitores compulsivos.

Ao observar os compositores das músicas do Bumba-meu-Boi maranhense, os trovadores, os repentistas, os cordelistas na nossa região nordestina, vejam que está presente em algum ponto expresso ou nas entrelinhas, os traços de Gonçalves Dias, o amor à pessoa amada, a saudade, o espírito de luta e contemplação, a condição do poeta lírico-amoroso, indianista, também presente nas nuances dos autores e autoras maranhenses.

Urrou de boi

*Lá vai meu boi urrando, subindo o vaquejador
Deu um urro na porteira, meu vaqueiro se espantou
E o gado da fazenda com isso se levantou
Urrou, urrou, urrou, urrou,
Meu novilho brasileiro, que a natureza criou...*

[...]

(Mestre Bartolomeu dos Santos, o mestre Coxinho, 1972)

Passando pela geração dos novos poetas líricos-romântico maranhenses, o que dizer dos escritores itapecuruenses, nas mais diversas escolas da literatura brasileira, como, Assenção Pessoa, Teotônio Fonseca, Moaciene Lima, Samira Fonse-

ca e tantos que ainda nem conseguiram publicar seus escritos? O Maranhão, traz a marca do Brasil linguístico, protagonista da poesia e de grandes poetas. Inserido nesse contexto, Itapecuru Mirim, cidade mais que hospitaleira, é a cidade dos mais diferentes Gonçalves Dias, na poesia, no romance, nas diversas formas de expressão romântica, escola mais vivida por suas leituras e seus leitores. Essa geração contemporânea traz o reflexo das escolas literárias anteriores, mas, sem se perder do tempo de agora. Ainda, nesse contexto podemos encontrar os nossos Gonçalves Dias nas grandes profissões de advogados, jornalistas, etnógrafos e teatrólogos...

*Tudo passa. Tudo fica. O vento passa. E leva tudo.
Mas a obra permanece.
E faz surgir futuros Gonçalves Dias, todos os dias.*

Publicado em: 28.12.2023

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v2n2.49>





Rua Paulo Bogéa, s/nº - Centro
Itapecuru Mirim - Maranhão